Capítulo 3. Literatura e diáspora

Cláudio R. V. Braga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRAGA, C.R.V. Literatura e diáspora. In: *A literatura movente de Chimamanda Adichie: póscolonialidade, descolonização cultural e diáspora* [online]. Brasília: Editora UnB, 2019, pp. 79-137. Pesquisa, inovação & ousadia series. ISBN: 978-65-5846-053-4.

<https://doi.org/10.7476/9786558460534.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CAPÍTULO 3.

Literatura e diáspora

1. Um pouco de teoria

1.1 Algumas diásporas

No capítulo anterior, defini a pós-colonialidade como uma condição que se caracteriza, dentre outros aspectos, por um panorama de deslocamentos e relocações, concretos ou abstratos, nascidos do processo de colonização, perdurando após a independência das colônias no século XX. Nessa conjuntura, a diáspora figura como uma das formas de mobilidade humana mais intensas, estando também entre as mais pesquisadas. Por essa razão David Chariandy (2006) escolhe referir-se a elas como “diásporas pós-coloniais”.

As diásporas, entretanto, são mais antigas que os processos de colonização e descolonização que estamos abordando. Teóricos concordam que as primeiras diásporas seriam associadas ao povo judeu, que se dispersa da antiga Judeia, atual Palestina, forçados por invasões constantes, obrigados, como em 586 A.C., a um exílio forçado na Babilônia. Novas invasões ocorrem no decorrer da história e novos movimentos diaspóricos são registrados, surgindo, assim, a figura do sujeito diaspórico.

Nota-se que a natureza desse fenômeno de mobilidade está ligada à ideia de dispersão, de espalhamento, como, de fato, observa-se na etimologia do termo.

Diáspora se origina do grego *diaspeirein*, isto é, “espalhar”. O prefixo *dia-* contém a ideia de “movimento através”, “passagem” ou “afastamento”, ao passo que *speirein* significa “semear ou dispersar”. Se buscarmos no Velho Testamento, verificamos que a diáspora do povo de Deus é uma punição divina, uma espécie de maldição. Analisando o surgimento e a evolução do termo diáspora, Cohen (1997) pondera que, com frequência, o conceito foi, por muito tempo, associado ao modelo de diáspora judaica de opressão e de vitimização. Mais recentemente, Kevin Kenny avalia que todas as variações chegaram a um denominador comum, associando diáspora a exílio, sofrimento e possível redenção (KENNY, 2013, p. 5).

Nessa perspectiva, muitos autores elaboraram a aplicação da teoria da diáspora para além do caso judeu, abrangendo povos dos mais variados cantos do mundo: indianos (Jayaram, 2004), japoneses (ADACHI, 2006), chineses (J. C. MA; CARTIER, 2003), brasileiros (BRAGA, 2009), magrebinos, turcos, palestinos, cubanos e gregos (SAFRAN, 1991), irlandeses (GARCIA, 1995), para ficar em apenas alguns exemplos. Na impossibilidade de falar sobre todas elas ao mesmo tempo, os pesquisadores buscam, é claro, se concentrar em algumas diásporas. Kenny (2013), por exemplo, dedica-se a discutir o caso armênio e o africano.⁴⁹ Por sua localização geográfica, a Armênia se torna alvo constante de grandes impérios, como o Persa, o Grego e o Romano, provocando ondas de dispersão de seu povo. O resultado da diásporização, nesses casos, é o desenvolvimento da habilidade para o comércio e da participação política em várias partes do mundo, uma decorrência também vista no caso judeu. Mas Kenny se interessa por interrogar o que de fato caracteriza uma diáspora, em comparação a outros casos de mobilidade.⁵⁰ A resposta tem a ver com a conservação de uma ideia de terra natal, que atravessa séculos, mesmo que o território não necessariamente exista. Junto com a ideia de uma terra natal está a

⁴⁹ É necessário ressaltar que autores anteriores a Kenny, como Kachig Tölölyan (1996) e Paul Gilroy (1994), já teorizaram sobre essas diásporas.

⁵⁰ Em 2010, orientado por Glaucia Renate Gonçalves, desenvolvi uma reflexão semelhante em minha tese de doutoramento, que também buscou estabelecer o conceito de diáspora com maior rigor, no contexto das várias teorias de mobilidade.

noção de retorno, capaz de sustentar uma comunidade diaspórica como uma força impressionante. No caso dos armênios, lembra Kenny (2013), esse sentimento perdurou por seis séculos, em meio a tentativas de levantes nacionalistas que resultaram em massacres de milhões de pessoas. O autor acredita que a dispersão dos armênios e dos judeus é categorizada como diáspora também em função das experiências de genocídio por que passaram no século XX, justificando o termo “sofrimento” na base da explicação daquilo que venha a ser um fenômeno diaspórico.

Outro caso de mobilidade humana tipificado como diáspora por associar à tríade exílio, sofrimento e redenção é o africano, historicamente definido pelo processo da escravidão de milhões de pessoas arrancadas de suas terras de origem. O termo diáspora começou a ser usado como descrição do caso africano nos anos 1960, tornando-se, na opinião de Kenny, o termo padrão para a discussão do processo envolvendo os africanos escravizados e seus descendentes no continente americano. Na perspectiva de Geneviève Fabre e Klaus Benesch (2004, p. xiv), para reunir os termos diáspora e África em uma única expressão, seria necessário ter em mente a formação de uma tradição conjunta de valores e de cultura, tanto no velho quanto no novo mundo, o que nem sempre é uma tarefa simples. Evidência dessa dificuldade é o fato de que as pessoas escravizadas, tendo saído de diversas partes da África, com línguas, religiões e culturas muito diferentes entre si, tinham noções de terra natal diferentes, o que fez com a consciência demorasse mais a surgir. O sofrimento, de fato, atingia a todos que possuíam pele escura, impulsionado pelo racismo. Em resposta, o ativista negro estadunidense W. E. B. Du Bois buscou fazer da cor da pele um fator de união, desenvolvendo a ideia de uma mãe África, uma terra natal que incluiria a todos. Também seguindo o raciocínio da busca de um ponto em comum, Kenny se refere ao conjunto de todos os grupos africanos dispersos nos séculos XV ao XIX como velha diáspora africana, ocasionada pelo tráfico de escravos. Fabre e Benesch (2004 p. xiv) fazem a diferenciação histórica desse contexto de dispersão populacional, enfatizando um processo distinto nas chamadas diásporas africanas contemporâneas. Esses autores ressaltam que a

perspectiva de estudos africanos no início do século XX era *internacional*, como propunha W. E. B. Du Bois, mas na virada do milênio ela passa a ser *transnacional*, por apresentar aspectos fortemente híbridos e globalizados: “Se raízes têm sido o foco metafórico do século XX, parece que a atenção acadêmica hoje está voltada para as rotas, para o mapeamento dos itinerários interculturais rizomáticos e complexos das diásporas africanas” (FABRE; BENESCH, 2004, p. xviii-xix, tradução minha).⁵¹ Observe-se aqui como esse comentário de Fabre e Benesch (2004) corrobora a tensão entre o fixo e o fluido ou, nos termos de Cresswell (2006), o jogo entre a metafísica “sedentarista” e a metafísica nômade, sobre as quais já explanei.

Após os anos 1980, o uso do termo diáspora se disseminou nos livros e artigos acadêmicos de todo o mundo, em várias disciplinas, por indicar uma teoria capaz de ajudar a explicar a intensa imigração característica do final do século XX, que continua no século XXI. Um dos motivos para a crescimento do trânsito humano internacional, tão pesquisado hoje em dia, foi a descolonização política ou independência das ex-colônias. As características específicas dessa mobilidade envolvem, por exemplo, novas tecnologias de comunicação de transporte internacional mais rápido, além de uma atitude dos novos governos de manter laços com suas populações diaspóricas por motivos econômicos e políticos. Figura-se, nesse cenário, uma óbvia conexão entre as novas diásporas e a globalização que se configura a partir do final do século XX, conforme veremos um pouco mais adiante neste capítulo.

Talvez por isso Khachig Tölölyan tenha aberto radicalmente o campo semântico e a abrangência de fenômenos de mobilidade humana sob o guarda-chuva da diáspora, permitindo, em seu periódico *Diaspora: a Journal of Transnational Studies* (1991), que centenas de trabalhos acadêmicos apresentassem suas versões de fenômenos diaspóricos, indo muito além dos três casos considerados emblemáticos – dos judeus, dos armênios e dos africanos – para abarcar diversos povos do

⁵¹ “If roots have been the metaphoric focus of the twentieth century, it seems that scholarly attention today is drawn to routes, to the mapping of the complex rhizomatic, cross-cultural itineraries of African diasporas.”

mundo. Mesmo considerando *Diaspora: a Journal of Transnational Studies* como um “periódico que inaugura uma nova era nos estudos sobre a diáspora” (BRAGA; GONÇALVES, 2010, p. 14), a abertura, como relata Kenny (2013), precisou ser revertida, a fim de que fosse retomada a coerência em torno da teoria da diáspora e sua validade como matéria analítica. Dessa forma, o debate sobre o que vem a ser diáspora continua sendo válido.

1.2 Delimitando um “conceito sem limites”

Em 2007, iniciei pesquisas sobre diáspora e literatura. Um pequeno inventário de expressões recorrentes utilizadas nas conceituações do termo diáspora surgiu rapidamente. Algumas delas são: “conceito disperso”, utilizada por John Durham Peters (1999), “termo escorregadio” (BRAH, 1996, p. 179), “heterogêneo e diverso” (HALL, 1997, p. 312) e “instável” (DUFOIX, 2008). O objetivo era fundamentar delimitações coerentes para um conceito que varia em definição, um exercício que se fez necessário após sua expansão descomedida (BRAGA; GONÇALVES, 2010, p. 25). Creio que, mesmo após centenas de publicações sobre o tema, os trabalhos de William Safran (1991), e Robin Cohen (1997, 1999) ainda se constituem em bons alicerces teóricos, devido a seu reconhecido empenho na elaboração de características essenciais para a diáspora. Assim, vale retomar dois artigos desses autores, que já abordo desde 2010, dedicados à enumeração de atributos que caracterizam uma diáspora. Em “Diaspora in modern societies: myths of homeland and return”,⁵² Safran (1991) inicia sua explanação afirmando que uma diáspora é um tipo de mobilidade que envolve uma dispersão de uma terra natal para duas ou mais regiões periféricas ou estrangeiras. Nesses processos, formam-se comunidades expatriadas que mantêm uma memória coletiva sobre a terra natal, ao mesmo tempo em que acreditam não possuir aceitação plena na sociedade que os hospeda. Safran

⁵² Esse trabalho de Safran foi reproduzido na coletânea *Migration, diasporas and transnationalism*, organizada por Robin Cohen e Steven Vertovec (1999).

destaca o já mencionado respeito pela terra natal ancestral, que se configura como uma espécie de lar verdadeiro e ideal, para onde se deve retornar um dia. Para isso, a comunidade diaspórica apresenta algum tipo de vínculo com a manutenção ou restauração dessa terra natal, visando sua segurança e sua prosperidade. Também não faltam relações pessoais ou indiretas que permanecem existindo com familiares ou habitantes da terra natal, já que uma consciência étnico-comunitária os une (SAFRAN, 1991, p. 83-84). Além, é claro, da existência de um deslocamento geográfico, muitas vezes seguido de relocações, é possível depreender das características de Safran uma ênfase dada nas relações entre diáspora e terra natal, criticada por alguns teóricos, que veem as diásporas muito influenciadas pela sociedade que as hospeda e também pelas relações internas à própria comunidade diaspórica.

Alguns anos mais tarde, Robin Cohen (1999) publica “Diasporas and the Nation-state: from victims to challengers”,⁵³ apresentando sua própria lista de características comuns às diásporas:

1. Dispersão iniciada em uma terra natal original, muitas vezes de forma traumática, para duas ou mais regiões estrangeiras.
2. Ou, alternativamente, uma expansão para além de uma terra natal à procura de trabalho, em busca de comércio ou por futuras ambições coloniais.
3. Memória e mito coletivos sobre a terra natal, incluindo sua localização, história e feitos.
4. Uma idealização do suposto lar ancestral e um compromisso coletivo para sua manutenção, restauração, segurança e prosperidade, e até para sua criação.
5. O desenvolvimento de um movimento de retorno que adquire uma aquiescência coletiva.
6. Uma forte consciência de grupo étnico sustentada por um longo período e baseada em um senso de distinção, em uma história comum e na crença em um destino comum.

⁵³ Esse artigo foi republicado em 1999, na coletânea *Migration, diasporas and transnationalism*, organizada por Steven Vertovec.

7. Uma relação problemática com a sociedade anfitriã, sugerindo no mínimo uma falta de aceitação ou a possibilidade de que outra calamidade possa advir ao grupo.
8. Um senso de empatia e solidariedade com membros de mesma etnia em outros países de assentamento.
9. A possibilidade de uma vida peculiar, até mesmo enriquecedora e criativa, nos países anfitriões com uma tolerância para o pluralismo. (COHEN, 1999, p. 274, tradução minha).⁵⁴

Tendo sido mais abrangente que Safran (1991), Cohen (1999) apresenta essas nove características que impactam os estudos teóricos que viriam nos anos seguintes, servindo de base para inúmeras discussões de casos de diásporas ocorridas em todo o mundo. Cabe-nos, porém, fazer com que a teoria da diáspora seja mais produtiva a partir dos desdobramentos das ideias lançadas por Safran e por Cohen. Há de se discutir, por exemplo, a natureza e a dimensão do trauma que origina a diáspora, relativizando-o desde a ocorrência de uma guerra de extermínio, da falta de trabalho e até à falta de universidades, o que pode ocasionar a busca de bolsas de estudos no exterior.

A questão do movimento populacional, por exemplo, que Safran e Cohen identificam como “dispersão” a regiões estrangeiras – e que Cohen acrescenta, por

⁵⁴ “1. *Dispersal from an original homeland, often traumatically, to two or more foreign regions.*
2. *Alternatively, the expansion from a homeland in search of work, in pursuit of trade or to further colonial ambitions.*
3. *A collective memory and myth about the homeland, including its location, history and achievements.*
4. *An idealization of the putative ancestral home and a collective commitment to its maintenance, restoration, safety and prosperity, even to its creation.*
5. *The development of a return movement, which gains collective approbation.*
6. *A strong ethnic group consciousness sustained over a long time and based on a sense of distinctiveness, a common history and the belief in a common fate.*
7. *A troubled relationship with host societies, suggesting a lack of acceptance at the least or the possibility that another calamity might befall the group.*
8. *A sense of empathy and solidarity with co-ethnic members in other countries of settlement.*
9. *The possibility of a distinctive yet creative and enriching life in host countries with a tolerance for pluralism.*”

meio de sua característica 2, a noção de “expansão” ao estrangeiro –, está ligada ao espaço e ao tempo de maneira complexa, incitando estudos particularizados. Talvez por isso Gina Wisker (2007), em uma reflexão mais atual, prefira iniciar sua definição de diáspora pelas dimensões do espaço e do movimento: “A palavra diáspora sugere uma linha ou espaço entre dois lugares – um tipo de deslocamento permanente, sempre em viagem, e nunca sentindo completamente como se tivesse chegado” (WISKER, 2007, p. 92, sem grifo no original, tradução minha).⁵⁵

A determinação do que vem a ser a terra natal é igualmente controversa. Havia terras natais muito antes da formação dos Estados Nacionais, muito embora o Estado-nação seja, na maioria das análises, definido apenas como terra natal. Um exemplo disso é o processo de relocação forçada de povos nativos estadunidenses, conduzidos para fora de suas terras para reservas indígenas criadas pelo homem branco. Do ponto de vista de tais povos, o deslocamento implicava um exílio, isto é, eles foram expulsos para uma terra estrangeira. Do ponto de vista do colonizador branco, tais povos não estariam sendo expulsos, mas reposicionados dentro do mesmo país. Outro exemplo é a Nigéria que, assim como várias outras jovens nações africanas, tem a noção de terra natal problematizada a partir da formação de estados nacionais impostos pelos europeus. O mapeamento e a partilha do continente africano feitos por colonizadores com frequência desrespeitou a existência de territórios prévios, obedecendo somente a interesses externos. Há uma tensão para se assumir uma ideia de identidade nacional em detrimento de uma identidade étnica, considerando que centenas de grupos étnicos fazem parte da nação.

A ideia da idealização da terra natal também é passível de contestação, visto que, em casos citados por Safran (1991), o lugar de origem não instiga idealização porque não teria pontos positivos a serem retidos na memória dos sujeitos diaspóricos. Essa perspectiva pode ser agravada em tempos de globalização, quando a comunicabilidade instantânea permite ao sujeito na diáspora saber e vivenciar,

⁵⁵ “The word diaspora suggests a line or space between two places – somehow a permanent displacement always travelling and never fully feeling as though you have arrived.”

mesmo à distância, os problemas do país de origem. Isso contradiz a “idealização do suposto lar ancestral” de que fala Cohen, ainda que não impeça a comunidade diaspórica de contribuir para sua manutenção e melhoria, o que muitas vezes é feito pela transferência de recursos para o núcleo familiar.

As características 5 e 6, que destacam a existência de um grupo étnico coeso que cultiva o desejo de retorno, também abrem espaço para questionamento, já que diásporas são distintas entre si, ligadas a contextos históricos e sociais em que ocorrem. Em alguns casos, por exemplo, a comunidade diaspórica é claramente formada por um grupo étnico, em outros nem tanto. Tais comunidades podem estar ou não em uma rede solidária com membros de mesma etnia em outros países. Talvez pela existência de inúmeras particularidades, o próprio Cohen ressalte que “nenhuma diáspora vai manifestar todos os aspectos” (COHEN, 1999, p. 274), apesar de ele mesmo fazer um esforço teórico de categorização das diásporas.

Considerando que as diásporas não seguem fórmulas pré-estabelecidas, arrisco-me a afirmar que elas têm, de fato, uma relação problemática com a sociedade anfitriã, o que talvez constitua a característica mais recorrente dentre as elaboradas por Safran e por Cohen. Mesmo assim, pode-se problematizar o princípio de que “aceitação plena” que, segundo Safran (1991), é ausente na diáspora, também não existe para sujeitos e comunidades não diaspóricas. Também pode-se estabelecer níveis diferentes de não aceitação, considerando desde perseguições sofridas com vista a genocídios e assassinatos, *bullying* no ambiente escolar ou de trabalho ou a invisibilidade, que ocorre quando membros da sociedade anfitriã escolhem simplesmente ignorar a presença de uma comunidade diaspórica.

Por fim, a possibilidade levantada por Cohen de uma vida peculiar, enriquecedora e criativa nos países anfitriões tolerantes ao pluralismo me parece relevante, desde que vista como *possibilidade*; afinal, nem todos os sujeitos diaspóricos relatam sua experiência como sofrimento, ou então definem sofrimento como uma condição temporária, que cede lugar a uma real melhoria na condição de vida na diáspora. Ademais, há diferentes percepções e níveis de sofrimentos, variando

conforme a percepção individual. Essa característica, ao que parece, tem sido pouco abordada nos estudos publicados no meio acadêmico, embora seja indispensável a sua discussão. Por esse motivo, voltarei a ela mais adiante.

1.3 Uma contribuição extra: diáspora e globalização

Já exemplifiquei a caracterização da diáspora com o caso africano clássico, referente à dispersão humana ocorrida pelo tráfico de pessoas, chamada de “velha diáspora africana”, com o intuito de a contrapor às diásporas contemporâneas originadas naquele continente. Podemos, portanto, denominar os fenômenos de hoje de “novas diásporas africanas”, aninhadas na condição contemporânea da pós-colonialidade, e diretamente relacionadas a um outro fenômeno que não pode ser ignorado: o da globalização, um tema que tem rondado este estudo desde o início. Abordarei esse fenômeno por meio dos trabalhos de George Ritzer e Paul Dean (2014), Robin Cohen (1997) e Krishna Sen (2011).

Globalization: a basic text é um livro recente, no qual os autores Ritzer e Dean (2014) oferecem a seguinte definição:

Globalização é um processo transplanetário ou um conjunto de processos envolvendo uma liquidez crescente e um aumento de fluxos multidirecionais de pessoas, objetos, lugares, e informações, bem como as estruturas que eles encontram e criam que são barreiras ou aceleradores para estes fluxos (RITZER; DEAN, 2014, p. 2, tradução minha).⁵⁶

Nessa definição os autores baseiam seu argumento na linha dos pensamentos de Arjun Appadurai, que estruturou a ideia dos fluxos globais e Zygmunt Bauman, responsável pela metáfora da liquidez para definir o mundo globalizado. Fluides

⁵⁶ “Globalization is a transplanetary process or set of processes involving increasing liquidity and the growing multidirectional flows of people, objects, places and information as well as the structures they encounter and create that are barriers to, or expedite , those flows.”

e liquidez implicam uma ideia crucial de movimento, por estarem na base não somente do conceito de globalização, mas também de dois dos temas principais deste trabalho: a pós-colonialidade e a diáspora. Desse modo, se faz necessário relembrar os conceitos-chave de Appadurai e Bauman.

A noção de fluxos globais foi lançada por Appadurai em 1999, no artigo “Dis-juncture and difference in the global cultural economy” e expandida depois. O autor propõe que pensemos o mundo contemporâneo como resultado de fluxos globais que se cruzam, representados por meio de cinco cenas ou paisagens: *ethnoscapes*, *mediascapes*, *technoscapes*, *finanscapes* e *ideoscapes*. Cunhados por Appadurai (1999), esses termos se referem, respectivamente, aos fluxos de pessoas, de informações e de imagens midiáticas, de tecnologia, de capital e de ideologias, sempre em escala global. Esses fluxos se entrecruzam de forma complexa, resultando em combinações variadas e inesperadas.

Já a metáfora da liquidez foi lançada por Bauman em 2000, no livro *Modernidade líquida* (2001), que deu origem a uma série de outros trabalhos que utilizaram a mesma imagem para avaliar a contemporaneidade. A fluidez dos líquidos e gases, diz Bauman, torna-os diferentes do sólido porque “não conseguem sustentar uma força tangencial ou de ruptura quando em repouso e assim passam por uma mudança contínua na forma quando submetidos a tal estresse” (BAUMAN, 2001, p. 1, tradução minha).⁵⁷ Os líquidos, portanto, além de não manterem uma forma única, não se fixam no espaço e nem se vinculam ao tempo. Aplicado à modernidade, esse princípio da liquidez abrange o indivíduo em suas relações humanas, em seu trabalho, na forma como percebe o tempo, o espaço e a comunidade. Bauman é pessimista: a liquidez gera grandes incertezas a respeito de tudo, fazendo com que o indivíduo da modernidade busque escapismos, como consumir para “exorcizar” as inseguranças.

Baseando-se principalmente nesses dois grandes pensadores, Ritzer e Dean (2014) elaboram uma discussão revigorada acerca da globalização, caracterizando-a

⁵⁷ “...cannot sustain a tangential, or shearing, force when at rest and so undergo a continuous change in shape when subjected to such a stress.”

sobretudo como um movimento crescente de “grandes fluxos de fenômenos de todos os tipos, cada vez mais líquidos, incluindo pessoas, objetos, informações, decisões, lugares e assim por diante” (RITZER; DEAN, 2014, p. 6, tradução minha).⁵⁸

Esses grandes fluxos multidirecionais, quando detalhados, nos dão a noção do quão abrangente é o tema globalização. No decorrer do livro, Ritzer e Dean relacionam e analisam tudo aquilo que estaria em fluxo global. Alguns exemplos são: pessoas que viajam por companhia aéreas intercontinentais, a troca de mercadorias e de *commodities* (RITZER; DEAN, 2014, p. 202), o trânsito de ideias ocidentais ou orientais, de ideias estadunidenses, também chamado de americanização (RITZER; DEAN, 2014, p. 78), e a disseminação de religiões (RITZER; DEAN, 2014, p. 233) e de esportes (RITZER; DEAN, 2014, p. 234). Também se sobressai, na teorização desses autores, a avaliação sobre como as altas tecnologias, interconectadas com a mídia e a internet juntas possuem o papel fundamental de veículos disseminadores de processos globais (RITZER; DEAN, 2014, p. 261). Sobre a internet, Ritzer e Dean enfatizam que ela é um fenômeno verdadeiramente global por ser utilizada em todas as partes do globo e por ser produzida e mantida por corporações mundiais independentes do Estado-nação. É relevante notar, por exemplo, que redes sociais como o Facebook e *sites* como Wikipedia têm a inovadora característica de disseminarem conteúdos criados pelos próprios usuários, denominados de *prosumers*, por serem, ao mesmo tempo, produtores e consumidores de conteúdo (RITZER; DEAN, 2014, p. 262), o que tem revolucionado a forma com que milhões de pessoas adquirem informação.

Ritzer e Dean também discorrem sobre os impactos negativos dos fluxos globais, citando a destruição do meio ambiente (RITZER; DEAN, 2014, p. 323), tráfico de drogas, doenças, terrorismo e guerras (RITZER; DEAN, 2014, p. 354), que cresceram com as facilidades de trânsito. O fluxo global de mídias de massa também entra na categoria dos impactos negativos, sendo destacados como imperialismo de mídia.

⁵⁸ “...great flows of increasingly liquid phenomena of all types, including people, objects, information, decisions, places, and so on.”

TV, música, livros e filmes são percebidos como imposições de países ocidentais mais ricos aos países em desenvolvimento (RITZER; DEAN, 2014, p. 261). Outro destaque no trabalho desses autores é a análise que oferecem da globalização de estruturas e processos políticos e econômicos, muitas vezes de governança global, como a ONU, a Unesco, as organizações não governamentais internacionais (RITZER; DEAN, 2014, p. 138) e o FMI (RITZER; DEAN, 2014, p. 169).

Dentre todas as contribuições de Ritzer e Dean (2014), a mais valorosa para os objetivos deste trabalho está no capítulo em que se dedicam aos fluxos globais de pessoas. Os autores falam do turismo e do tráfico humano, do fluxo em todas as regiões do planeta, em especial nos Estados Unidos, analisando aspectos cruciais como a imigração ilegal, as remessas financeiras, os imigrantes empreendedores e o *brain drain* ou “evasão de cérebros”, expressão que designa a perda sistemática de cidadãos altamente qualificados de determinados países que imigram para outros com melhores condições de trabalho.

De modo pertinente, uma seção de *Globalization: a basic text* é destinada às relações entre diáspora e globalização. O uso do termo diáspora, lembram os autores, expande-se junto com o processo de globalização, não somente porque mais diásporas passam a ocorrer, mas também porque mais povos e grupos se identificam como diaspóricos. Ritzer e Dean consideram que, dentre os teóricos da diáspora, dois abordam melhor a ligação com a globalização: Paul Gilroy e Stéphane Dufoix. Desde 1993, o trabalho de Gilroy contribui para os estudos da globalização porque, conforme avaliam, concentra-se mais na noção de fluxos, trocas e elementos intermediários, desvinculando diáspora de territórios, sobretudo do Estado-nação. As culturas do Atlântico negro, segundo Gilroy, precisam ser entendidas como um todo, sem a limitação da nacionalidade. Dessa forma, ao desterritorializar a diáspora, Gilroy a aproxima do conceito de globalização.

Citando Dufoix, Ritzer e Dean comentam como esse autor observa aspectos comuns entre diáspora e globalização, como as ideias de encolhimento do mundo, de desmembramento do tempo e do espaço, de comunicação instantânea

e de remodelação da geografia (DUFOIX apud RITZER; DEAN, 2014, p. 283). Além disso, eles destacam uma observação feita por Dufoix sobre como tecnologias e facilidades de transporte aéreo e ligações internacionais mais baratos, dentre outros, intensificaram a comunicação entre diásporas e destas com a terra natal. Assim, diaspORIZAÇÃO e globalização estão muito conectadas hoje.

Outro autor que acredita nessa conexão é Robin Cohen. Em *Global diasporas: an introduction* (1997), Cohen se dedica principalmente a tipificar e caracterizar as diásporas, das antigas às contemporâneas, como diásporas de vítimas, de trabalho, de comércio e diásporas imperiais. O autor reserva seu capítulo 8 para examinar a relação entre globalização e diáspora. A base de seu argumento é a de que a globalização incrementa as diásporas já existentes e pode gerar outras novas, tendo em vista que grupos adaptáveis aos deslocamentos internacionais estariam mais desapegados de territórios e mais propensos a trabalhos no exterior, muitos deles temporários. O contrário também se aplica, isto é, as diásporas reforçam a globalização e a impulsionam, já que a economia produzida por trabalhadores diaspóricos renova o envio de recursos para familiares e negócios nas terras de origem e, às vezes, para membros da diáspora situados em outros lugares, com as facilidades de transferência de capital observadas no mundo globalizado.

Cohen observa também que a migração na globalização tem sido fora das tradições e dos padrões esperados, e que “sua disseminação mais diversa geograficamente cria uma base mais verdadeiramente global para a evolução das redes diaspóricas” (COHEN, 1997, p. 144, tradução minha).⁵⁹ Além disso, diásporas se caracterizam por fazerem a função de ponte ao absorver ideias e práticas de seus anfitriões e ao transmitirem-nas para terras de origem. Essa função se viabiliza por sujeitos diaspóricos bilíngues ou multilíngues, que têm uma visão do universal capaz de problematizar e alterar o particular, por estimularem o cosmopolitismo e por constituir aquilo que Cohen chama de coletivismo étnico. Todavia,

⁵⁹ “...their more diverse geographical spread create a more truly global basis for the evolution of diasporic networks.”

mesmo apresentando evidências das afinidades entre diásporas e globalização, Cohen reconhece a dificuldade de se estabelecer uma relação causal entre ambas, concluindo que:

Globalização e diásporização são fenômenos distintos sem necessariamente terem nexos causais, mas eles combinam extraordinariamente bem juntos. Que não haja uma ligação de causa direta é evidente a partir do fato de que a mais antiga das diásporas precede a era da globalização em 2500 anos. Mais uma vez, até se argumentarmos que as diásporas contemporâneas são tipos distintos de organização social daquelas dos antigos judeus ou das primeiras comunidades cristãs, seria um exagero enorme (ou mesmo completamente errado) sugerir que muitas mudanças em tecnologia, organização econômica, modos de viagem, produção, comunicação, o movimento das ideias ou a sincretização das culturas que sustentam o processo de globalização são causadas pela existência de diásporas. (COHEN, 1997, p. 154, tradução minha).⁶⁰

Em suma, as diásporas não podem ser consideradas causadoras dos diversos aspectos que compõem o fenômeno da globalização, mas, na opinião de Cohen, as características que elas normalmente trazem se constituem em vantagens para si mesmas, mais que para outros grupos migrantes, na nova configuração de um mundo globalizado.⁶¹

⁶⁰ *Globalization and diasporization are separate phenomena with no necessary causal connections, but they 'go together' extraordinarily well. That there is no direct causal link is evident from the fact that the earliest diasporas precede the age of globalization by 2,500 years. Again, even if we argue that contemporary diasporas are different sorts of social organization from those of the ancient Jews or early Christian communities, it would be an enormous exaggeration (or indeed completely wrong-headed) to suggest that the many changes in technology, economic organization, modes of travel, production, communication, the movement of ideas or the syncretization of cultures that underpin the process of globalization are caused by the existence of diasporas.*

⁶¹ A discussão realizada por Cohen sobre a relação entre diáspora e globalização muitas vezes dá a entender que a globalização, sendo assimilada pela diáspora, é positiva para a humanidade de forma geral. Para um maior aprofundamento acerca das consequências humanas da globalização,

Em trabalho mais recente, Krishna Sen (2011) também afirma que a globalização vem mediando a experiência diaspórica. A autora vê decorrências positivas e negativas do mundo globalizado sobre as diásporas atuais. Há, por um lado, comunidades diaspóricas inteiras que estariam marginalizadas economicamente e, portanto, sem acesso às benesses da globalização. Para ilustrar essa condição diaspórica marginal, Sen (2011) busca, nas literaturas de Kiran Desai e Monica Ali, exemplos de personagens imigrantes ilegais que precisam se esconder da polícia, que se submetem a condições de trabalho humilhantes e vivem dificuldades básicas como a própria alimentação. Em geral, possuem pouca escolaridade e dificuldades com o idioma da terra que os recebe.

Por outro lado, os sujeitos diaspóricos privilegiados acessam a terra natal por meio de rápidos e modernos meios de transporte e de comunicação, disponíveis na era da globalização, além de desfrutar do melhor que a sociedade anfitriã pode oferecer. Observa-se, dessa forma, que Sen (2011) faz uma discussão marxista para avaliar a condição dessas novas diásporas a partir de sua classe social e poder.

Sendo mais ou menos favorecidas, as novas diásporas são afetadas pela globalização. Sen (2011) faz referência a como o encolhimento das distâncias e do tempo observados com o surgimento da globalização, denominado por David Harvey (1990) de compressão espaço-tempo, afeta o discurso tradicional sobre a diáspora, especialmente no que se refere ao binarismo terra natal e terra estrangeira. A autora vai ainda mais longe ao afirmar que isso significa o encerramento do mito do retorno, problematizando as noções de trauma, sofrimento e melancolia, comuns no discurso diaspórico. Dessa forma, afirma Sen, hoje seria mais a realidade da terra natal e não seu imaginário que influenciaria os sujeitos na diáspora, em vez de sua memória apenas. Pensando a nova diáspora no contexto global, vista a partir de representações literárias de romances publicados no século XXI, Sen propõe o neologismo "re(turn)" ou (re)torno, para explicar a condição diaspórica desses sujeitos privilegiados:

sugiro Milton Santos, *Por uma outra globalização* (2001) e Zygmunt Bauman, *Globalização: as consequências humanas* (1998).

Este "(re)torno" é muito diferente de uma simples busca por raízes. Operando em diversos níveis ele indica um "retorno" à terra natal não a partir do lugar convencional de nostalgia, mas de uma perspectiva "outsider" mais crítica' da cultura anfitriã absorvida. Isso significa a "volta" do migrante ou "nativo" para afirmar sua biculturalidade e ler a cultura anfitriã de acolhimento a partir do terreno de casa, obscurecendo a distinção entre "centro" ou terra de acolhimento e "margem" ou pátria periférica. (SEN, 2011, p. 228, tradução minha).⁶²

Como se pode ver, esse sujeito diaspórico repatriado de que fala Sen é crítico e mais seguro de si, dono de um posicionamento mais cosmopolita, detentor de uma biculturalidade que desafia os teóricos da diáspora na difícil tarefa de caracterizar a interseção entre diáspora e globalização, em meio a tantas especificidades.

Ainda que apresentem muitos pontos de interrogação, as teorizações de Ritzer e Dean (2014), Cohen (1997) e Sen (2011) sobre diáspora e globalização se mostram bastante produtivas ao contexto do século XXI, como veremos no exame de *Americanah*, mais adiante.

1.4 A literatura diaspórica e a diaspoética

O que se espera de um texto literário "diaspórico"? Comecei a responder essa pergunta em 2010, quando fiz referência a Vijay Mishra (2007), Sandra Ponzanesi (2008) e Shaleen Singh (2008), dentre os pouquíssimos autores que se empenharam na tarefa de estabelecer algumas fronteiras para a categoria. Retomá-la aqui se faz necessário, visto que a abordagem de *Americanah*, a ser feita mais adiante à luz da teoria da diáspora, requer o estabelecimento de alguns parâmetros.

⁶² This '(re)turn' is very different from a simple search for roots. Operating on several levels, it indicates a 'return' to the homeland, not from the conventional site of nostalgia but from the more critical 'outsider' perspective of the imbibed host culture. It signifies the 'turn' of the migrant or 'native' to assert his/her bi-culturality and read the host culture from the ground of home, blurring the distinction between 'centre' or hostland and 'margin' or peripheral homeland."

Ao contrário dos estudos que determinam o *corpus* da chamada literatura pós-colonial, discutidos e detalhados em inúmeros trabalhos acadêmicos, o conceito de literatura diaspórica não se apresenta de maneira óbvia. A expressão é, de fato, usada com frequência, mas poucos trabalhos se detiveram na tarefa de determinar o que é literatura diaspórica. O sentimento pela terra natal (SINGH, 2008, p. 1), a evocação de um trauma lá ocorrido (MISHRA, 2007, p. 12) e a existência de uma história diaspórica do escritor (PONZANESI, 2008, p. 123) são três importantes aspectos para começarmos esse assunto a partir das leituras de Singh, Mishra e Ponzanesi. O principal *insight*, porém, talvez tenha vindo de Ponzanesi (2008), que foi mais específica ao caracterizar a narrativa diaspórica como aquela que focaliza a dispersão e a relocação por meio de personagens, que situa a narrativa em tempos e espaços diaspóricos, que apresenta uma linguagem figurada diaspórica, e que apresenta um estilo “fragmentado, estratificado e nômade” (PONZANESI, 2008, p. 123, tradução minha).⁶³ À época, concluí que faltava um detalhamento maior acerca dos critérios que pudessem delimitar a literatura diaspórica como subgênero literário.

Em 2014, avancei um pouco mais em “Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos”, em parceria com Gláucia Renate Gonçalves, quando, em vez de tentar definir o que é literatura diaspórica, propusemos o conceito de espaço literário diaspórico, cuja formulação teve início a partir de 2009. Afirmamos, portanto, que o espaço literário diaspórico é aquele que tende a apresentar articulações de noções pertinentes à diáspora em uma combinação que transita entre o literário e o extraliterário, fazendo-se presente em um texto que:

- 1) versa sobre comunidades na diáspora, com personagens que representam sujeitos diaspóricos;
- 2) está imbricado de ideias de movimento e cruzamentos de fronteiras, articuladas à dispersão diaspórica que tem início na terra natal;

⁶³ “*Fragmented, layered and nomadic.*”

- 3) tem por tema a dispersão diaspórica e o fator, ou fatores, que a causaram, frequentemente um trauma na terra natal, que em geral é conhecido logo na exposição;
- 4) tende a apresentar o enredo de forma não linear, combinando a imprevisibilidade de fatores externos, ocorridos na terra estrangeira, com os fatores psicológicos, internos aos personagens.
- 5) tem como cena principal o enclave diaspórico, um entre-lugar em que a história se passa, situado geograficamente fora da terra natal, mas que traz referências a ela, em meio a influências espaço-culturais do país hospedeiro;
- 6) explora o conflito e a intriga, externos ou internos às personagens, surgidos no deslocamento diaspórico e no convívio na terra hospedeira;
- 7) prioriza um clima tenso, recorrente na condição diaspórica, quer seja por razões sociais, morais, econômicas, políticas ou psicológicas, girando em torno da relação da diáspora com o país hospedeiro e a terra natal;
- 8) realiza-se, geralmente, por meio de um estilo narrativo fragmentado ou disperso, estratificado ou superposto em camadas;
- 9) em termos discursivos, tende a apresentar narradores e personagens cuja linguagem caracteriza a diferença cultural na diáspora, sendo frequente o emprego de vocábulos, expressões e até textos inteiros em mais de uma língua e, muitas vezes, misturando e fundindo as línguas da terra natal e do país hospedeiro, constituindo uma conjuntura linguística híbrida;
- 10) está propenso a apresentar influências de uma tradição literária de origem, uma “terra natal literária”, cujas referências estão presentes na formação do escritor diaspórico, e podem estar visivelmente marcadas em seu trabalho ou se manifestar simbolicamente;
- 11) explicita um posicionamento político, já que narrativas diaspóricas geralmente dão voz a minorias deslocadas, ignoradas e silenciadas;

12) é criado por escritores com história pessoal e familiar diaspórica, ou que optam por um estilo de vida diaspórico, tendo, com frequência, interesse em escrever sobre a terra natal, o país hospedeiro e quaisquer temas pertinentes à comunidade diaspórica em si. (BRAGA; GONÇALVES, 2014, p. 45-46).

É válido lembrar que uma única narrativa diaspórica não necessariamente traz todas os aspectos acima listados, que foram pensados como parte de um esforço feito para categorizar a literatura diaspórica e assim marcar sua relevância em relação a outras. Tampouco pode-se afirmar que as ideias neles contidas são exclusividades do contexto diaspórico: a noção de um estilo narrativo fragmentado, disperso e superposto em camadas, por exemplo, é aplicável a textos não diaspóricos. Da mesma forma, pode haver ficção diaspórica narrada linearmente, ainda que esta não seja a tendência. Por fim, há que se lembrar, sempre, das especificidades culturais e históricas das mais diversas escritas diaspóricas, o que nos instiga a seguir no escrutínio de aspectos particulares que venham a comprovar a existência não apenas de um, mas de vários espaços literários diaspóricos.

Cabe também lembrar que, ao estudo da literatura diaspóricas, Gonçalves e eu demos o nome de “diaspoética” em 2013, em “Diaspoetics in the literature of Karen Tei Yamashita: Brazilian and Japanese diasporas compared”, parte da coletânea *Diasporic choices*, editada por Renata Seredyńska-Abou Eid. Nesse trabalho, dedicamo-nos a estabelecer os alicerces do que acreditávamos ser a poética da diáspora, isto é, o método de leitura e de interpretação que possibilita a identificação, a análise e a discussão dos efeitos literários diaspóricos que fazem com que uma narrativa seja de fato diaspórica. Para a junção dos termos diáspora e poética, partimos de toda uma pesquisa anterior sobre diáspora e literatura, apoiados no conceito de poética de Jonathan Culler, definida como “a tentativa de explicar os efeitos literários por meio da descrição das convenções e operações de leitura que os tornam possíveis” (CULLER, 1999, p. 72).

Dessa maneira, a verificação de uma diaspoética na literatura de Adichie, que faço a partir da próxima seção, é uma possibilidade dentre muitas, mas implica uma escolha proveitosa para a literatura dessa autora, por suas características diaspóricas intrínsecas, já que a diaspoética “cobre as especificidades do discurso literário do escritor sob investigação, mostrando-se mais apropriada que pressuposições fixas e fechadas” (BRAGA; GONÇALVES, 2013, p. 83, tradução minha).⁶⁴

2. Interrogando a diáspora por meio da escrita de Adichie

2.1 Aspectos gerais

Ler a obra adichieana à luz da teoria da diáspora é uma tarefa que pode ser por demais extensa, tendo em vista a presença de vários elementos diaspóricos em suas narrativas. Vou, por isso, apresentar uma visão panorâmica e sucinta da representação diaspórica para, em seguida, investigar dois aspectos específicos: a possibilidade de uma vida enriquecedora e criativa na diáspora e a relação problemática com a terra hospedeira. É relevante observar, por exemplo, que a ideia da dispersão para regiões estrangeiras, situada na base do conceito de diáspora, passa a ser recorrente a partir de uma fase da carreira de Adichie, após certo tempo vivendo nos EUA, tempo em que seguramente pôde coletar material para sua ficção diaspórica. Histórias como “Réplica”, “No seu pescoço”, “O tremor” e “Os casamenteiros” focam personagens nigerianas vivendo fora da Nigéria, em relação direta com outros imigrantes. Mas o texto mais ilustrativo da diáspora é *Americanah*, em que se vê a descrição da saída dos dois principais grupos de personagens de seu país de origem, a Nigéria, para formarem comunidades nos Estados Unidos e na Inglaterra. O enredo, costurado a partir dessa experiência de mobilidade, é enriquecido com a problematização da consciência diaspórica e dos conflitos, muito comuns a esses grupos.

⁶⁴ “It covers the specificities of the literary discourse of the writer under investigation, proving itself more appropriate than fixed, closed presuppositions.”

A ideia do trauma como motivo gerador da dispersão diaspórica, também basilar nas teorizações mais conhecidas sobre diáspora, surge nas narrativas adichieanas de forma variada, em algumas sugerindo que as condições socioeconômicas precárias da Nigéria estariam na base da mobilidade de seus cidadãos, em busca de melhores condições de sobrevivência. Em suas reflexões, Nkem, de “Réplica”, lembra como cinco mil pessoas se candidatavam a uma única vaga de emprego em Lagos. Para ela, o trauma é não ter trabalho ou comida. De maneira semelhante, a comunidade ao redor de Akunna em “No seu pescoço” celebra sua ida para os Estados Unidos como uma espécie de milagre, uma resolução mágica para todos os problemas. Em “O tremor”, assim como em *Americanah*, o motivo para a imigração é a falta de condições de estudos universitários na Nigéria.

Mas é em *Meio sol amarelo* (2008) que o caráter traumático que origina a diáspora se apresenta de maneira mais explícita, tendo em vista que a catástrofe da guerra é mais comumente teorizada como motivo de dispersão populacional. O romance conta a história de Ugwu, Odenigbo, Olanna e Kainene, dentre outros. Suas vidas são sacudidas após a declaração de independência do Estado de Biafra, que seria composto pela etnia Ibo. A independência não é aceita pelo governo central da Nigéria, dando início a uma guerra civil sangrenta, que obriga milhares de pessoas ao deslocamento forçado. Feridos, famintos e traumatizados, os Ibo figuram na narrativa fugindo a pé pelas estradas ou amontoados em trens, se instalando em barracas e campos de refugiados, com escassez de água e comida.

A perda de seus lares e referências espaciais torna-se uma ferida permanente, que não se cura com o retorno. Ugwu, por exemplo, se vê desenraizado de sua aldeia natal, ao saber, depois de finda a guerra, da morte de sua mãe e do estupro de sua irmã Anulika. Odenigbo e Olanna, ao voltarem para sua casa em Nsukka, encontram o local pilhado por soldados, semidestruído, sem vidraças e sem móveis: “Talvez a casa estivesse conspurcada nas próprias fundações, e o cheiro ressequido de algo morto havia muito tempo continuaria impregnando os aposentos” (ADICHIE, 2008, p. 484). O cheiro de morte que predomina na casa e afeta seus

moradores sugere que o incerto paradeiro de Kainene, que desaparece pouco antes do fim da guerra, também “cheira à morte”. Olanna, que é sua irmã, vive a dilacerante dor da dúvida, em busca de indícios da morte ou da sobrevivência de Kainene. De maneira perspicaz, Susan Strehle (2011) pondera que o não pertencimento passa a caracterizar as personagens Ibo a partir de seu regresso: mesmo reassumindo seus espaços físicos, seus espaços psicológicos estão para sempre alterados pela violência e pela destruição da guerra. A necessidade de quererem limpar, esfregar e varrer o ambiente reflete a tentativa de se recompor psicologicamente. Também analisando *Meio sol amarelo* (2008), Quayson observa como o romance ilustra o início de uma nova condição: “a dispersão populacional que resultou da guerra e que agora cria o imaginário diaspóricos de uma geração inteiramente nova de Ibos e nigerianos” (QUAYSON, 2015, p. xi, tradução minha).⁶⁵ Complementando essa ideia, Quayson ainda vincula, de maneira pertinente, o evento local, que é a dispersão em razão da guerra civil no fim dos anos 1960 ao que vem depois: a dispersão em nível global desse mesmo povo. E assim chegamos ao contexto de *Americanah*, no século XXI, com suas personagens diasporicamente dispersas para além do território nigeriano.

Em *Americanah* o trauma que origina a diáspora é articulado de maneira a representar causas coletivas e ensejos pessoais ao mesmo tempo. Para tia Uju, por exemplo, o trauma tem, por um lado, relevante ligação com a instabilidade política na Nigéria, e, por outro, advém de sua condição de amante de um conhecido general do governo militar. Quando o general morre de maneira inesperada em um suspeito acidente de avião, Uju, que vivia com conforto, sustentada por ele, fica desamparada, tendo de abandonar às pressas a propriedade em que vive, reivindicada agressivamente pela família do falecido. Ameaçada, ela foge com o filho Dike ainda bebê para os Estados Unidos, onde vive um longo e penoso processo para regularizar sua documentação e ser aceita como médica.

⁶⁵ “the population dispersal that came out of that war and that now creates the diasporic imaginary of an entirely new brand of Igbo and Nigerians.”

Ifemelu, assim como muitos jovens universitários, é motivada a sair de seu país devido à caótica situação do ensino superior na Nigéria, fato que representa um fenômeno bastante comum no país: “Os *campi* estavam vazios, as salas de aula drenadas de vida. Os alunos tinham esperança de greves curtas porque não poderiam esperar não ter nenhuma. Todo mundo falava em ir embora” (ADICHIE, 2013, p. 100, tradução minha).⁶⁶ Tal conjuntura leva Ifemelu a começar a “sonhar com a América”, onde sua tia já vivia. Ela então decide se inscrever para o difícil visto de estudante e, para sua própria surpresa, é aceita na primeira tentativa, partindo para morar com Uju.

A partida de Obinze também é construída na narrativa a partir da combinação de motivos pessoais e aqueles ligados à conjuntura nigeriana. Depois de perder o contato com Ifemelu, agora nos Estados Unidos, o jovem recém-formado se encontra frustrado. A ausência da namorada é agravada com a falta de empregos que afeta a vida de milhões de nigerianos na mesma faixa etária. Obinze sempre havia sonhado em ir para os Estados Unidos: lia livros e revistas americanos, assistia a filmes. Seu desejo de viver naquele país, entretanto, é impedido pelo consulado, que nega sua solicitação de visto quatro vezes. Ao ver o filho sem rumo, a mãe de Obinze, professora universitária, registra seu nome em um formulário de visto para a Inglaterra como seu assistente, aproveitando a ocasião em que iria a uma conferência acadêmica: “Veja o que você pode fazer da sua vida. Talvez consiga ir para a América de lá. Sei que sua mente não está mais aqui” (ADICHIE, 2013, p. 236, tradução minha).⁶⁷ A operação ilegal faz com que Obinze se decepcione seriamente com a mãe, que sempre lhe ensinara honestidade e ética. Além disso, as palavras dela o fazem se sentir um fracassado por antecipação. Mas apesar dos conflitos internos ele aceita a oferta e parte com ela, ficando na Inglaterra por três

⁶⁶ “Campuses were emptied, classrooms drained of life. Students hoped for short strikes, because they could not hope to have no strike at all. Everyone was talking about leaving.”

⁶⁷ “See what you can do with your life. Maybe you can get to America from there. I know that your mind is no longer here.”

anos, até ser deportado. A relação dos dois muda depois desse acontecimento: o filho se afasta da mãe, ressentido e, ao retornar, tenta uma reaproximação que nunca, de fato, se concretiza.

Os casos de Uju, Ifemelu e Obinze são ilustrativos para explicar que o motivo de uma dispersão diaspórica, muitas vezes uma obsessão para os teóricos, pode não ser unificado ou homogêneo, variando em sentido e em grau de necessidade, colocando em xeque, de certa forma, a tentativa de estabelecerem motivos abrangentes para a dispersão diaspórica de um grupo.

Além de Ifemelu, tia Uju e Obinze, *Americanah* é povoado por personagens em relação direta com a diáspora, como os familiares que permanecem na terra natal e outros sujeitos diaspóricos ficcionais com menor participação no enredo. Aisha, Halima e Mariama, por exemplo, cabeleireiras do salão de beleza em Trenton, vêm de diferentes países da África ocidental, reagregando-se na terra hospedeira de forma a buscar a própria sobrevivência, uma situação, por sinal, recorrente nas diásporas. Em Londres, os africanos que Obinze conhece, vindos de diferentes países, também criam laços, muito embora nem sempre de ajuda mútua. Os angolanos, cujo negócio é vender casamentos arranjados, por exemplo, tiram vantagem da ilegalidade de outros africanos, acuados pela ameaça da deportação, cobrando altas comissões para a realização de seus serviços. Nesse caso, o que vemos é a exploração de um grupo diaspórico por outro.

Além de *Americanah*, os contos de Adichie também trazem representações de sujeitos diaspóricos vivendo na diáspora nigeriana em território estadunidense. A dona de casa Nkem, de “Réplica”, ilustra o imigrante em situação documental confortável, já com o *green card*. Em “No seu pescoço”, a garçonete Akunna, diferentemente de Nkem, está no processo de consegui-lo, o que ocorre antes do final da narrativa. Ambos personagens de “O tremor”, a universitária Ukamaka, também em situação legal, faz amizade com Chinedu, que vive escondido por estar com os papéis vencidos. Além de viver em sobressaltos pela possível deportação, Chinedu está às voltas com assuntos pessoais, como a tensão entre sua homossexualidade e

seu catolicismo exacerbado. Em “Os casamenteiros”, o médico residente Ofodile se submete a um casamento arranjado como uma estadunidense para se legalizar, ao passo que a recém esposa Chinaza ilustra o sujeito diaspórico no impacto dos primeiros dias após a chegada na terra hospedeira. Cada um deles apresenta conflitos próprios de suas condições diaspóricas, entremeados a temas mais pessoais.

Sobre *Americanah*, pode-se dizer que as personagens Dike, Ginika, Kayode e Bartholomew, ao lado de Ifemelu e Uju, constituem a representação de uma comunidade diaspórica nigeriana nos EUA, ao passo que Obinze, Emenike, Nicholas e Ojiugo são a diáspora nigeriana na Inglaterra. De maneira um pouco menos óbvia, outros dois outros núcleos fazem referência a agrupamentos diaspóricos: os afro-americanos Blaine, Shan e seus amigos são descendentes da velha diáspora africana; Curt, Kimberly e Laura compõem um núcleo representativo dos americanos brancos, que trazem em sua ancestralidade as marcas da uma dispersão diaspórica europeia. Por fim, *Americanah* traz, em sua última parte, uma contribuição ficcional que considero substancial aos estudos da diáspora, que é a representação dos *returnees*, isto é, os repatriados da diáspora, exemplificados por Doris e Fred, além dos próprios Obinze e Ifemelu.

Esse rico conjunto de personagens diaspóricos ambientados no século XXI, produtos da imaginação de uma escritora, apresentam correspondências com descrições de imigrantes nigerianos em registros históricos, sociológicos e etnográficos, como as que encontramos nos trabalhos de Sola Akinrinade e Olukoya Ogen (2011). No artigo “Historicising the Nigerian diaspora: Nigerian migrants and homeland relations”, os autores ponderam que as diásporas nigerianas vêm de longa data, com comunidades a princípio formadas em países africanos vizinhos como Camarões, Serra Leoa, Guiné, República do Benin e Gana. Durante a colonização e após a independência, muitos nigerianos migraram para o Reino Unido, em primeiro lugar, e depois para os Estados Unidos, frequentemente com objetivos de buscar formação universitária. Mas Akinrinade e Ogen (2011) registram diásporas nigerianas em muitos outros países: África do Sul, Alemanha, França, Holanda Bélgica, Espanha, Itália, Irlanda e países do Golfo Pérsico.

Essa combinação entre diásporas da ficção e diásporas da “vida real”, ainda que seja difícil designar o que se possa chamar de real, verifica-se, de maneira curiosa, na vida da autora de *Americanah*. Adichie, ao fazer o movimento de saída da Nigéria para os Estados Unidos com a finalidade de estudar, assemelha-se a milhares de outros jovens nigerianos e também a muitas de suas personagens. Em certo momento, Adichie retorna ao seu país de origem, com o qual não havia deixado de ter laços, em especial os familiares. Com uma carreira de escritora bastante requisitada nos Estados Unidos, ela passa a dividir o seu tempo vivendo nos dois países, uma condição especialíssima, que lhe permite continuar escrevendo sobre a interseção de mundos distintos, aspecto essencial em sua criação literária que se fortalece nessa alternância espaço-temporal.

Há também alusões à interferência do fenômeno da globalização nas diásporas representadas em *Americanah*, ainda que algumas delas não sejam exatamente da forma como apregoam Ritzen e Dean (2014), Cohen (1997) e Sen (2011), antes citados. De forma geral, a ambientação no romance é uma combinação de referências locais e nacionais, mas sobrepostas pelo global. Um exemplo da presença dos fluxos globais multidirecionais na narrativa, com os quais nos deparamos já no início do romance, é a transmissão de ideias e de valores que atingem as cabeleireiras do salão de beleza em Trenton, por meio das imagens e das narrativas da indústria cinematográfica nigeriana, conhecida como Nollywood. As mulheres passam o dia assistindo a esses filmes vindos da África, com os quais se identificam mais que com aqueles dos canais da TV estadunidense. Os romances e as intrigas de Nollywood exercem grande influência sobre elas: as cabeleireiras do salão conhecem os atores e atrizes, comentam os enredos, não interrompendo a exibição nem mesmo nos intervalos das refeições. O leitor mais atento pode vir a associar, por exemplo, a vulnerabilidade emocional de Aisha com o consumo de imagens e ideias excessivamente românticas do cinema de Nollywood. Aisha havia sido explorada por um homem estadunidense nos tempos de sua chegada ao país, com quem esperava se casar. Agora deseja com todas as suas forças o casamento com um de seus dois namorados. Desemparrada, ela quer que Ifemelu, uma desconhecida, convença pelo menos um deles a se casar com ela.

O movimento oposto, isto é, das imagens que vão dos Estados Unidos para a África, também pode ser observado em certos detalhes, como quando Ifemelu está em seu apartamento em Lagos com a amiga Ranynudo, assistindo ao noticiário de celebridades do canal *E! Entertainment*. Nesse mesmo fluxo, observa-se, na composição de algumas personagens nigerianas, a recepção de imagens e ideias vindas dos Estados Unidos, que levam a uma certa idolatria ao modo de vida estadunidense. O pai de Ifemelu, crítico atento das questões político-sociais da Nigéria, tende a contrapor as mazelas de seu país à organização, à ética, à honestidade e às oportunidades que acredita existirem nos Estados Unidos: “A América é um lugar organizado e as oportunidades de emprego são abundantes lá” (ADICHIE, 2013, p. 203, tradução minha).⁶⁸ A filha, entretanto, depois que passa a viver nos EUA, percebe que seu pai, assim como muitos nigerianos, idealizam a América sem, de fato, conhecer as dificuldades por que passam os imigrantes e um cotidiano em que organização e honestidade nem sempre são a regra. O emprego de Ifemelu, por exemplo, foi fruto de indicação e não por mérito curricular, tendo surgido somente depois de longa procura.

Outro aspecto da globalização ilustrado em *Americanah* é o *brain drain*: “A Nigéria está afugentando seus melhores recursos” (ADICHIE, 2013, p. 102, tradução minha),⁶⁹ observa a mãe de Obinze, de maneira resignada, no momento da partida de Ifemelu. A “evasão de cérebros” não é apenas representada pela ida de Ifemelu, mas pela de outros jovens de sua geração, como Kayode e Emenike, que se qualificam na Nigéria até determinado ponto para depois irem buscar melhores condições de vida na Inglaterra ou nos Estados Unidos.

Ainda que, por um lado, *Americanah* ilustre aspectos da globalização, por outro, o romance nos força a problematizar algumas afirmações teóricas, no tocante à relação entre globalização e diáspora. Quando Cohen (1997) assinala que a globalização estimula as diásporas, ele parece desconsiderar o controle significativo

⁶⁸ “America is an organized place and job opportunities are rife there.”

⁶⁹ “Nigeria is chasing away its best resources.”

que o Estado-nação continua exercendo sobre os deslocamentos internacionais. Obinze, por exemplo, não realiza seu objetivo de imigrar para os Estados Unidos pelo simples fato de o consulado americano na Nigéria não lhe conceder um visto. Seu caso nos alerta para o fato de que o aumento no número de diásporas na era da globalização, bem como as novas formas de comunicação e transporte mundiais não necessariamente significam que o cruzamento de fronteiras internacionais se tornou corriqueiro para todos.

Assim, quase por acaso, Obinze vai parar na Inglaterra, onde tem contato com nigerianos, como o primo Nicholas e sua esposa, e o amigo de colégio Emenike, que representam aquilo que teóricos chamam de “comunidade diaspórica pré-existente” que recebe o novo membro. Mas as coisas não são fáceis para Obinze na suposta “comunidade”, da qual recebe pouquíssima ajuda. Assim, o enclave diaspórico nigeriano em Londres, que vemos descrito em *Americanah*, não é em sua totalidade compatível com a proposição de que o processo de adaptação e de trabalho seria mais fácil para “grupo adaptáveis aos deslocamentos internacionais” (COHEN, 1997). Ademais, sua representação também não sugere a “forte” consciência étnica baseada em um senso de distinção ou em história comum ou crença em destino comum, conforme uma das características teorizadas por Cohen.

As facilidades de comunicação do mundo globalizado também não ressoam de maneira assim tão fluida em *Americanah*. Embora a telefonia e a internet sejam utilizadas, há um aspecto humano que os teóricos desconsideram: a simples decisão de isolar-se. Obinze, durante os três anos que fica na Inglaterra, fala pouquíssimas vezes com sua mãe, porque se sente magoado com a forma como ela o obrigou a viajar e também por acreditar que não tinham assunto para conversar. A perda de contato entre Ifemelu e Obinze também segue essa mesma lógica: ambos estão “globalizados”, com seus correios eletrônicos, contas no Facebook e telefones digitais para se comunicarem, mas, quando Ifemelu se retrai, após viver momentos deprimentes nos EUA, ela simplesmente não mais responde aos e-mails e telefonemas de Obinze. Em outras palavras, em *Americanah*, há tecnologias de

comunicação modernas, típicas da globalização, mas, assim como na vida real, não há nada que obrigue as pessoas a se comunicarem quando não desejam. Nesse caso, também não há a chamada compressão tempo-espaço associada à teoria da Globalização: a distância intercontinental se torna, de fato, um empecilho entre terra natal e diáspora.

2.2 Dois aspectos específicos

2.2.1 O lado positivo da vida diaspórica

Um dos aspectos da vida na diáspora elencados por Cohen (1997) é a possibilidade de realizações fecundas e criativas, conforme vimos. Trata-se de um tema menos explorado nos estudos teóricos sobre diáspora, embora o trabalho de Cohen possa se constituir como exceção a essa regra. Em *Global Diasporas*, esse autor afirma que, em uma sociedade hospedeira tolerante,

mesmo as diásporas de vítimas podem ter, nos Estados-nações modernos, suas experiências enriquecedoras e criativas, tanto quanto enervantes e aterrorizantes. As consideráveis conquistas intelectuais e espirituais dos judeus na diáspora simplesmente não poderiam ter acontecido em uma estreita sociedade tribal como a da antiga Judeia. Os armênios e irlandeses prosperaram material e politicamente. (COHEN, 1997, p. 167, tradução minha).⁷⁰

Nessa passagem, Cohen faz referências a uma de suas categorias de diásporas, a de vítimas, que são aquelas que decorrem de acontecimentos traumáticos,

⁷⁰ “Even victim diasporas can find their experiences in modern nation-states enriching and creative as well as enervating and terrifying. The Jews’ considerable intellectual and spiritual achievements in the diaspora simply could not have happened in a narrow tribal society like that of ancient Judea. The Armenians and Irish thrived materially and politically.”

violentos ou catastróficos, como a dos judeus, dos armênios e dos irlandeses, exemplos aos quais Cohen recorre várias vezes em seu livro. Além de considerar a mobilidade como impulso criativo para projetar um grupo para fora do provincianismo local, Cohen vai além, afirmando que condições adversas encontradas na terra estrangeira estimulam a criatividade nas comunidades diaspóricas: “Ainda que haja um grau de ansiedade subterrânea na diáspora, é possível argumentar que isto é precisamente o que motiva a necessidade de sucesso. Se a vida é fácil demais, Jacob Neusner argumenta de forma convincente, a criatividade pode secar” (NEUSNER apud COHEN, 1997, p. 7, tradução minha).⁷¹ Cohen complementa esse argumento, citando o extraordinário número de prêmios Nobel de judeus vivendo no Ocidente, conquistados nas artes, na medicina e nas ciências, e menciona argumentos de Pnina Werbner, autora que enfatiza as dimensões positivas em detrimento dos perigos e traumas da vida na diáspora.

Na ficção, *Americanah* faz um emaranhado de experiências problemáticas e de conquistas do sujeito na diáspora, duas dimensões dignas de serem exploradas com mais empenho. Observa-se que, no exemplo de Obinze, a possibilidade de uma vida criativa na diáspora não chega a se realizar pelas condições muito adversas que ele encontra na Inglaterra, que culminam com sua deportação. Afora alguns momentos de solidariedade e relativa tranquilidade, a trajetória de Obinze naquele país é marcada pela tensão, pelo medo e pelo desconforto. Na caracterização de tia Uju, embora ela consiga trabalhar nos Estados Unidos legalmente, também predomina o lado problemático na relação com a terra que a recebe, marcado por uma sequência de desafios que parecem nunca terminar.

Todavia, nas experiências vividas por Ginika e por Ifemelu, os Estados Unidos, como sociedade anfitriã, lhes oferecem a possibilidade de viver uma vida melhor em alguns aspectos. Em sua chegada, ao se reencontrar com Ginika na Filadélfia,

⁷¹ “Even if there is a degree of subterranean anxiety in the diaspora, it may be possible to argue that this is precisely what motivates the need for achievement. If life is too comfortable, Neusner convincingly argues, creativity may dry up.”

Ifemelu é bastante crítica em relação à amiga, que está muito mudada: mais magra, cabelos super alisados, vestindo roupas no estilo americano e falando de maneira forçada, como se representasse um papel. Ginika conta histórias como se ensinasse lições sobre a América. Mais tarde, Ifemelu a observa em uma reunião com suas amigas americanas, impressionada por ver como Ginika havia se tornado semelhante a elas: rindo sobre os mesmos assuntos, usando o mesmo vocabulário e bebendo a mesma bebida. Ifemelu, então, avalia:

Havia códigos que Ginika sabia, formas de ser que ela havia dominado. Ao contrário de tia Uju, Ginika tinha vindo para a América com a flexibilidade e fluidez da juventude, as deixas culturais haviam penetrado em sua pele, e agora ela ia jogar boliche e sabia quem era Tobey Maguire. (ADICHIE, 2013, p. 126, tradução minha).⁷²

Como qualquer personagem secundária, a caracterização de Ginika é sucinta; não se sabe, por exemplo, o grau das adversidades por ela enfrentadas nos primeiros tempos como imigrante, isto é, qual o caminho percorrido antes que viesse a ser uma pessoa integrada socialmente, aos olhos de Ifemelu. Mesmo assim, de modo geral, é possível concluir que Ginika está feliz com a vida que leva, demonstrando estar, em grande parte, integrada ao ambiente da terra que a recebeu. Caracterizada dessa forma, pode-se dizer que a personagem está a meio termo do critério de sujeito diaspórico que vive uma “vida enriquecedora e criativa”, segundo teoriza Cohen.

As conquistas pessoais de Ifemelu, entretanto, são mais detalhadas em *Americanah*. Em meio às dificuldades por que ela passa, pode-se estabelecer um “recorte” de ocorrências e realizações positivas da personagem na diáspora. Desde o início do processo, ainda na Nigéria, Ifemelu é favorecida em pontos importantes, como

⁷² “There were codes Ginika knew, ways of being that she had mastered. Unlike Aunt Uju, Ginika had come to America with the flexibility and fluidness of youth, the cultural cues had seeped into her skin, and now she went bowling, and knew what Tobey Maguire was about.”

o fato de obter o visto de estudante com uma facilidade incomum e uma bolsa de estudos de 75%. Ter uma tia e uma amiga já vivendo nos EUA também traz determinadas comodidades aos primeiros meses de Ifemelu, ainda que venham paralelas aos desafios. Além disso, estar no país para realizar estudos universitários é, sem dúvida, um indício de condição privilegiada em relação aos que imigram sem nenhum vínculo institucional, apenas para realizar trabalhos subalternos. O ambiente universitário traz, dentre outras coisas, o contato de Ifemelu com um grupo de estudantes africanos, ambiente em que ela faz amizades que lhe ajudam nas dificuldades do dia a dia.

Nota-se ainda que, mesmo tendo demorado a aparecer, o emprego de babá na casa de Kimberley, além de trazer mais dignidade a Ifemelu, faz parte da cadeia de eventos que a favorecem. É nesse trabalho que ela conhece Curt, primo de Kimberley, com quem começa a namorar. O rapaz se interessa por ela no primeiro instante e o relacionamento traz novos paradigmas à vida da moça, pois Curt tem uma forma otimista de enxergar a vida: “Ele acreditava em bons presságios, pensamentos positivos e finais felizes para os filmes, uma crença despreocupada, porque ele não os havia analisado profundamente antes de escolher acreditar; ele apenas acreditava” (ADICHIE, 2013, p. 199, tradução minha).⁷³ Ifemelu, que o chama de *true believer* ou “crédulo verdadeiro”, está ciente de que a maneira de ser do namorado é inocente e tem raízes na origem privilegiada de sua família abastada. Isso lhe proporciona liberdades que ela não possui, como viajar o mundo e experimentar um novo negócio sem, de fato, precisar se preocupar se dará certo financeiramente. Mesmo assim, o otimismo e o entusiasmo de Curt conquistam Ifemelu, deixando-a fascinada. Além disso, como Curt gosta e deseja Ifemelu de fato, sua sinceridade e a leveza do relacionamento representam uma trégua na sequência de embates e tensões a que ela vinha sendo submetida desde a vinda para os Estados Unidos:

⁷³ “He believed in good omens and positive thoughts and happy endings to films, a trouble-free belief, because he had not considered them deeply before choosing to believe; he just believed.”

Com Curt, ela se tornou, em sua mente, uma mulher livre de nós e de preocupações, uma mulher correndo na chuva com o gosto de morangos aquecidos pelo sol em sua boca. [...]. Com ele ela fazia caminhadas, caiaque, acampava perto da casa de férias de sua família, coisas que ela nunca teria imaginado fazer antes. Estava mais leve e mais magra; ela era a Namorada do Curt, um papel que vestiu como se fosse seu lisonjeiro vestido predileto. Ela ria mais porque ele ria muito. (ADICHIE, 2013, p. 198, tradução minha).⁷⁴

Ao usufruir da tranquilidade e das novas experiências que o mundo de Curt lhe oferece, Ifemelu passa a ter condições de fazer mais créditos na faculdade e de melhorar suas médias. Também consegue economizar um pouco mais e enviar mais dinheiro para os pais na Nigéria. Curt também constrói uma ponte entre Ifemelu e seu novo emprego. Preocupada, ela se aproxima do final de sua graduação e, assim como todos os amigos africanos, é preterida na agência de empregos da faculdade porque a documentação dos imigrantes é mais burocrática. Mas Curt faz contatos com uma empresa conhecida de sua família que, além do emprego, encaminha a solicitação do visto de trabalho, iniciando o processo de aquisição do *green card*. É óbvio que Ifemelu fica agradecida, mas, ao mesmo tempo, avalia como Curt consegue, com simples ligações telefônicas, “reorganizar o mundo” (ADICHIE, 2013, p. 204, tradução nossa)⁷⁵, resolvendo de maneira rápida aquilo que representa um drama para um imigrante: “ela era um balão cor de rosa, leve, flutuando até o topo” (ADICHIE, 2013, p. 204, tradução minha),⁷⁶ ao passo que seus amigos africanos estavam desesperados atrás de soluções para seus vistos temporários prestes a vencer.

⁷⁴ “With Curt, she became, in her mind, a woman free of knots and cares, a woman running in the rain with the taste of sun-warmed strawberries in her mouth. [...] She went hiking with him, kayaking, camping near his family’s vacation home, all things she would never have imagined herself doing before. She was lighter and leaner; she was Curt’s Girlfriend, a role she slipped into as into a favorite, flattering dress. She laughed more because he laughed so much.”

⁷⁵ “rearrange the world.”

⁷⁶ “she was a pink balloon, weightless, floating to the top”.

No entanto, a principal evidência de que Ifemelu é bem-sucedida nos Estados Unidos está em seu *blog*. A sugestão vem da amiga Wambui, após um longo e-mail em que Ifemelu narra uma experiência vivida com Curt. As postagens, autodefinidas como “observações curiosas de uma negra não americana sobre a América”, giram em torno de temas como classe e ideologia, que caracterizam os agrupamentos na sociedade estadunidense, o que Ifemelu denomina “tribalismo americano”, e, principalmente, do tema raça, a partir do qual se desdobram outros assuntos: relacionamentos interracialis, a candidatura de Barack Obama e o cabelo de Michelle Obama.

Como já abordado antes, os leitores vão aumentando de maneira vertiginosa, com postagens que geram comentários de pessoas que ora se identificam e complementam as ideias, ora discordam do enfoque dado por Ifemelu, escrevendo comentários agressivos. A discordância, entretanto, gera mais divulgação. Começam a surgir leitores que desejam contribuir financeiramente como forma de apoiar a iniciativa do *blog*, que para muitos se torna uma causa. Algumas dessas doações são valores vultosos. Em pouco tempo, alguém sugere que Ifemelu abra espaço para publicidade no *blog*. Ela aceita a sugestão e a veiculação de anúncios tem início, gerando maiores dividendos, permitindo até mesmo a contratação de uma assistente.

Outra consequência da repercussão do *blog* são os convites que Ifemelu passa a receber para palestras sobre diversidade, pelas quais também é muito bem remunerada. Muitos que a assistem em empresas, associações e universidades enviam e-mails repudiando os conceitos por ela abordados, mas a polêmica parece favorecer o debate em vez de o prejudicar, e assim, ela recebe ainda mais convites. Da experiência com as palestras, Ifemelu tira novos aprendizados. Ela nota, por exemplo, que o público leitor de seu *blog* é diferente das pessoas que assistem às suas conferências. Muitos dos que a contratam desejam apenas o gesto de sua presença, não importando os conteúdos apresentados. Mesmo com essas percepções não muito positivas, o fato é que o *blog* e as atividades dele derivadas dão independência financeira a Ifemelu, permitindo que ela adquira um pequeno apartamento em um condomínio e faça uma conta bancária considerável, fundos que ela guarda para utilizar no retorno à Nigéria.

Porém, tão importante quanto a independência financeira que proporciona é a função do *blog* como veículo de expressão de opiniões de Ifemelu e desenvolvimento de sua capacidade criativa, permitindo que ela se coloque na esfera pública e deixe no passado a sensação opressora da invisibilidade aos olhos da sociedade que a cerca. O *blog* aumenta a autoconfiança de Ifemelu, inserindo-a social e politicamente pela via da discussão dos temas que lhe são mais caros, proporcionando-lhe também maior compreensão sobre os estadunidenses e o sobre os Estados Unidos.

Uma outra decorrência positiva do *blog* é o reencontro de Ifemelu com Blaine, um professor universitário negro que ela havia conhecido oito anos antes. A óbvia atração entre ambos resulta em um relacionamento sério, que traz consigo novas experiências para Ifemelu. Blaine é “muito americano”, conforme ela própria define: é metódico, gosta de alimentação orgânica, usa fio dental sistematicamente, conhece um pouco sobre todos os assuntos: “Ele era como um tônico salutar; com ele, ela só poderia habitar um nível mais elevado de bondade” (ADICHIE, 2013, p. 312, tradução minha).⁷⁷ Por influência de Blaine, Ifemelu muda alguns hábitos, começando a se alimentar melhor e a fazer ginástica. Nesse convívio, Ifemelu também abre os olhos para diferentes nuances da vida americana que ela ainda não havia se interessado, como a política e os debates de questões sociais na universidade e em sua roda de amigos.

Em *Americanah*, as vidas de Ginika e de Ifemelu, examinadas nesta seção, apresentam graus diferentes de “peculiaridade”, para utilizar o termo de Cohen (1997), conforme vimos, talvez mais por razão de critérios literários, já que o detalhamento dos fatos é maior na representação da protagonista. No que se refere à Ifemelu, pode-se, por um lado, criticar o peso excessivo dado aos relacionamentos

⁷⁷ “He was like a salutary tonic; with him, she could only inhabit a higher level of goodness.”

amorosos da protagonista com Curt e com Blaine, no decorrer da narrativa. Eles são, conforme demonstrou-se na análise, parte fundamental do que pode vir a ser denominado vida profícua e feliz na diáspora, tendo Ifemelu como a representação do sujeito diaspórico. A crítica do foco nos relacionamentos de Ifemelu com os namorados advém da impressão que a narrativa possa passar de que uma mulher depende da presença masculina para ser bem-sucedida. Por outro lado, ainda que essa controvérsia seja relevante, *Americanah* também é contundente na representação de uma protagonista que prospera material e politicamente na diáspora por esforço próprio, visto que o *blog* é criado e desenvolvido por ela mesma. Não se pode ignorar, além disso, que o bom domínio da língua inglesa, já trazido da terra natal, e a formação universitária em Comunicação Social são fundamentais para a qualidade do *blog* e das palestras de Ifemelu, estando na base de seu sucesso. Assim, a personagem contribui para pensarmos as realizações positivas do sujeito diaspórico como resultados de fatores complexos, uma combinação da bagagem trazida da terra natal e dos esforços pessoais na terra anfitriã.

Por último, se contrastarmos os exemplos de Obinze, Ginika e Ifemelu na diáspora, a análise de *Americanah* conduz a novos questionamentos nascidos do confronto entre as vidas diaspóricas da representação literária de Adichie e a diáspora na teorização de Cohen: o relativismo das noções de “vida enriquecedora e criativa” e de “país tolerante ao pluralismo”. Tomadas aqui de maneira isolada, as vidas de Ginika e Ifemelu na diáspora se mostram bem-sucedidas, mas o fato de que pagam um “preço pelo sucesso” não pode ser ignorado: esse preço faz com que suas conquistas tenham um valor relativo, para muitos subjetivo, maior ou menor dependendo da perspectiva. A assimilação a que se submete um sujeito na diáspora pode alçar patamares altos que destituem suas identificações fundamentais, forçando-o a uma rejeição de si mesmo. Também a noção de país plural e tolerante, quando associada aos Estados Unidos, não tem uma validade intrínseca, como se pode depreender da análise de Ifemelu, assim como a Inglaterra, para Obinze não é de todo hostil, como veremos na próxima seção.

2.2.2 Relações problemáticas na diáspora

Desde os anos 1990, Safran (1991) e Cohen (1997) afirmam claramente que comunidades diaspóricas vivem, devido à falta de aceitação, uma relação problemática com as sociedades que as recebem. Essa constatação ainda continua relevante, como se observa, por exemplo, em *Diasporas and homeland conflicts: a comparative perspective*. Nesse livro, Bahar Baser (2016) aborda as tensões vividas pelas diásporas turca e a curda na Suécia e na Alemanha, acrescentando que o problema também atinge os descendentes. Cabe aqui notar que há várias formas de tensão nas diferentes diásporas, conforme Cohen chegou a afirmar:

Os chineses na Malásia, os indianos nas Fiji, os poloneses na Alemanha, os italianos na Suíça, os japoneses no Peru, os irlandeses na Inglaterra, os palestinos no Kuwait, os povos caribenhos na Europa, os Sikhs na Grã-Bretanha, os turcos e os romenos na Alemanha e os curdos na Turquia vivenciaram antagonismo e discriminação legal ou ilegal. Uma parcela tornou-se objeto de ódio violento em seus países de assentamento. O que faz essa forma de tensão interétnica diferente do caso geral é que, em certa medida, esses grupos podem olhar para além de suas comunidades imediatas para comunidades co-étnicas em outros lugares (para fins de conforto, comparação e de identificação) e para a possibilidade de retornar à pátria real ou imaginada (COHEN, 1997, p. 167, tradução minha).⁷⁸

⁷⁸ “The Chinese in Malaya, Indians in Fiji, Poles in Germany, Italians in Switzerland, Japanese in Peru, Irish in England, Palestinians in Kuwait, Caribbean peoples in Europe, Sikhs in Britain, Turks and Roma in Germany and Kurds in Turkey have all experienced antagonism and legal or illegal discrimination. A number have become the objects of violent hatred in their countries of settlement. What makes this form of inter-ethnic tension different from the general case is that in some measure these groups can look outside their immediate communities (for comfort, comparison and identification) to co-ethnic communities elsewhere and to the possibility of returning to a real or imagined homeland.”

Aos tipos de tensão citados por Cohen – antagonismo, discriminação legal e ilegal e violência – podem-se acrescentar outros, como a xenofobia, a falta de oportunidades de estudo e o desemprego nos países hospedeiros. Pode-se também ampliar a discussão, a partir de Safran, Cohen e Baser, sobre as diferentes formas e diferentes níveis de gradação destas tensões que caracterizam a relação problemática entre diáspora e terra hospedeira, bem como as particularidades observadas em cada comunidade diaspórica. *Americanah* é rico em detalhes desse aspecto. A parte III do romance, por exemplo, é dedicada à experiência de Obinze na Inglaterra. O jovem sobrevive de trabalhos subalternos, buscando um casamento arranjado para poder legalizar sua documentação, vivendo na invisibilidade e na permanente tensão do risco de ser descoberto e deportado. Mas é na análise da protagonista Ifemelu que se pode obter maiores evidências dos conflitos e tensões na diáspora, conforme faço a seguir.

2.2.2.1 A falácia da “América Real”

Ifemelu é o exemplo mais detalhado sobre como o sujeito na diáspora enfrenta atribulações e conflitos na relação com a terra que o recebe. Entretanto, para discorrer de modo efetivo sobre a protagonista de *Americanah*, é imprescindível examinar algumas personagens ligadas a ela, como forma de contextualização, especialmente tia Uju e Dike, também em constante tensão com os Estados Unidos e com os estadunidenses.

A constatação de que tia Uju enfrenta problemas nos EUA tem seus primeiros sinais ainda antes da partida de Ifemelu para o país. A princípio, suas ligações telefônicas para a sobrinha eram frequentes, mas os contatos vão diminuindo: Uju precisa de três empregos para sobreviver, pois ainda não está licenciada para exercer a medicina nos EUA. Além da carga pesada de trabalho, Uju conta sobre os estudos para os diversos exames e etapas necessárias pelas quais passa para poder clinicar. Em meio aos relatos de sua própria vida, Uju muitas vezes incentiva a ida de Ifemelu para os EUA a fim de completar os estudos, descrevendo como o sistema universitário estadunidense é estável, ao contrário do nigeriano.

Ao telefone, Ifemelu percebe que Uju está estranha, entusiasmada e ausente ao mesmo tempo. Nota também que suas narrativas sobre a “vida na América” são um misto de acontecimentos que ela não compreende bem, mas Ifemelu passa a crer que sua vida acadêmica será melhor nos EUA. Dessa forma, ela é convencida a imigrar, ainda que não muito certa do que lhe espera. Mas as surpresas em relação a sua tia começam já no desembarque: “Havia algo diferente nela. Ifemelu tinha notado imediatamente no aeroporto: os cabelos mal trançados, sem brincos nas orelhas, o abraço rápido e casual, como se tivessem sido semanas, em vez de anos, desde que tinham se visto pela última vez” (ADICHIE, 2013, p. 105, tradução minha).⁷⁹ Além da ausência da vaidade, que sempre caracterizou Uju, Ifemelu se admira de ver como ela está apressada, impaciente e fria.

As mudanças percebidas no primeiro momento vão se somando a outras piores. Apesar de trabalhar muito, Uju mal consegue cobrir as despesas do mês. No supermercado, ela nunca compra o que precisa, só o que está em promoção. Uju sobrecarrega Ifemelu com instruções sobre a casa, a comida, o filho e sobre como Ifemelu vai trabalhar com uma identidade falsa. A cabeça da moça gira e ela sente como se uma velha intimidade entre as duas tivesse caducado de repente. À noite, na cozinha, Ifemelu a observa estudando um livro de medicina, enquanto come um hambúrguer: “Sua pele seca, seus olhos com olheiras, seu espírito desbotado de cor. Ela parecia olhar, em vez de ler o livro” (ADICHIE, 2013, p. 109, tradução minha).⁸⁰

A imagem do zumbi em lugar do ser humano é, por fim, explicada: tia e sobrinha têm uma conversa sincera na qual Uju desabafa sobre como está exausta, trabalhando e estudando ao mesmo tempo e sustentando o filho sozinha. Relata também que havia sido, pela primeira vez na vida, reprovada em uma das provas de medicina e que havia dependido da caridade das amigas nigerianas nos primeiros

⁷⁹ “There was something different about her. Ifemelu had noticed right away at the airport, her roughly braided hair, her ears bereft of earrings, her quick casual hug, as if it had been weeks rather than years since they had last seen each other.”

⁸⁰ “Her skin dry, her eyes shadowed, her spirit bleached of color. She seemed to be staring at, rather than reading the book.”

meses quando imigrou. Ifemelu não tem palavras para consolá-la; ela havia imaginado que a condição de vida da tia nos EUA era melhor nas conversas ao telefone. Mas agora Ifemelu a observa: “... a velha tia Uju jamais teria usado os cabelos em tranças tão desalinhadas. Ela nunca teria aguentado o cabelo que crescia como passas no queixo, ou vestido calças velhas que formavam papos entre suas pernas. A América a havia subjogado” (ADICHIE, 2013, p. 111, tradução minha).⁸¹

A perda da vaidade feminina, o descuido de si mesma, são, para Ifemelu, a confirmação da subjugação de Uju pela “América”, pois representam o grau máximo do abandono de si mesma. No exemplo de Uju, os EUA são uma sociedade hospedeira que aprisiona por meio de rotinas pesadas, opressivas e desumanas. Essa condição prossegue, mesmo após a aprovação no exames e obtenção da licença de médica. Uju enfrenta racismo na escola do filho e dificuldades na residência médica e nas consultas, pois há pacientes que se recusam a ser atendidos por uma médica negra.

A situação já grave se deteriora quando Uju conhece Bartholomew, um contador nigeriano que há muito vive nos Estados Unidos. Durante o rápido namoro, antes de morarem juntos, Bartholomew se comporta “grandiosamente, como um prêmio especial que tia Uju estava tendo a sorte de receber” (ADICHIE, 2013, p. 117, tradução minha).⁸² Fragilizada e crendo que um relacionamento lhe traria mais tranquilidade, Uju faz o ritual da futura boa esposa que sabe cozinhar, que serve a comida ao marido e que concorda sempre com o que ele diz. Em vão, Ifemelu desaprova a possibilidade de um relacionamento, entristecida por ver sua tia iludida pelo simples fato de Bartholomew ser nigeriano, como se isso fosse suficiente para que um relacionamento desse certo:

Depois de ele ter ido embora naquele sábado, tia Uju perguntou a Ifemelu:

⁸¹ “...the old Aunt Uju would never have worn here hair in such scruffy braids. She would never have tolerated the ingrow hair that grew like raisins on her chin, or worn trousers that gathered bulkily between her legs. America had subdued her.”

⁸² “...grandiosely, like a special prize that Aunt Uju was fortunate to have.”

— O que você achou?

— Ele usa creme clareador de pele.

— O quê?

— Você não viu? O rosto dele tem uma cor engraçada. Ele deve estar usando um daqueles baratos sem protetor solar. Que tipo de homem faz clareamento de pele, *biko*?

[...]

— Ele não é ruim. Tem um emprego bom — ela fez uma pausa. Não estou ficando nem um pouco mais jovem. Quero que Dike tenha um irmão ou uma irmã.

— Na Nigéria, um homem como ele sequer teria a coragem de falar com você.

— Nós não estamos na Nigéria, Ifem. (ADICHIE, 2013, p. 118-119, tradução minha).⁸³

A constatação final de Uju nesse diálogo é oportuna para o entendimento da condição diaspórica que tenho discutido. Não estar mais na Nigéria muda os prospectos de Uju, apontando para uma deterioração de sua qualidade de vida, de seu bem-estar e de sua paz interior. E grande parte disso se deve ao fato de ser mulher. Estar longe de sua terra natal, em um contexto social abundante de desvantagens que abalam sua autoestima, faz com que Uju aceite um relacionamento com um homem medíocre e sexista, algo que jamais ocorreria se ela estivesse na Nigéria, conforme observa Ifemelu. As previsões de Ifemelu se concretizam com o passar do tempo:

⁸³ *After he left that Saturday, Auntie Uju asked Ifemelu, “What did you think?”*

“He uses bleaching cream.”

“What?”

“Couldn’t you see? His face is a funny color. He must be using the cheap ones with no sunscreen. What kind of man bleaches his skin, biko?”

[...]

“He’s not bad. He has a good job.” She paused. “I’m not getting any younger. I want Dike to have a brother or a sister.”

“In Nigeria, a man like him would not even have the courage to talk to you.”

“We are not in Nigeria, Ifem.”

Bartholomew não gosta do filho de Uju, não colabora com as tarefas de casa e chega ao ponto de exigir que ela lhe entregue todo o seu salário, até que a inevitável separação acontece. O exemplo de Uju e sua relação com Bartholomew pode ser analisado a partir de Gayatri C. Spivak (1996), que discorre sobre a mulher diaspórica em “Diasporas old and new: women in transnational world”: “Elas nunca foram sujeitos e agentes por completo na sociedade civil; em outras palavras, cidadãos de primeira classe de um Estado” (SPIVAK, 1996, p. 249, tradução minha).⁸⁴ Assim, mesmo em uma diáspora do século XXI, como a nigeriana, há fortes indícios de que as mulheres continuam a ser exploradas, da forma como seriam na terra natal ou ainda pior.

2.2.2.2 Mais sobre a falácia: ilusões nigerianas

A protagonista de *Americanah* também é uma mulher diaspórica, ainda que sua trajetória seja distinta daquela de sua tia Uju. De certa forma, a análise sobre o cabelo de Ifemelu no capítulo 1 deste livro como parte da “experiência de impasses, conflitos e constrangimentos em solo estadunidense” se constituiu em abertura para análise sobre como se dá a tensão entre o sujeito diaspórico e a terra que o recebe. Antecipadamente, vimos que a aceitação em uma terra hospedeira como os EUA é sempre parcial, ocorrendo na medida em que Ifemelu tem de ceder a pressões, como alisar o próprio cabelo para ter um “look profissional”, a fim de afastar a indignidade do desemprego. Mesmo se submetendo a esses padrões, ela não desfruta da sensação de pertencimento pleno. Tais pressões envolvem o que denominei de fingimento identitário, que se dá não só pela mudança do cabelo, mas pela forma de falar, de vestir e de se comportar.

Em *Americanah*, é tácito que a relação conflituosa entre diáspora e terra hospedeira é fartamente ilustrada pelas relações pessoais, como apresentarei mais adiante. Mas, antes de examinar as relações pessoais de Ifemelu como representação do conflito entre diáspora e terra hospedeira, é preciso deixar clara a imagem que

⁸⁴ “They have never been full subjects of and agents in civil society: in other words first-class citizens of a state”.

os nigerianos, na Nigéria, têm dos Estados Unidos. De maneira geral, a sociedade nigeriana é fascinada pelas ideias de viajar ao exterior e de emigrar. Quando a família de Ginika está de partida, os pais de Ifemelu exaltam o fato como uma benção, uma opção que a maioria das pessoas não tem. Na escola, os amigos a rodeiam: “Eu daria qualquer coisa para ser você agora” (ADICHIE, 2013, p. 65, tradução minha),⁸⁵ diz a amiga Priye. Por ser filha de uma americana, Ginika tem passaporte estadunidense, algo considerado “a coisa mais legal de todas”, muito melhor que ter um passaporte britânico, segundo o jovem Kayode. O prestígio dos Estados Unidos entre esses jovens nigerianos se explica, em parte, pela influência cultural dos filmes e programas de TV americanos a que assistem e pelas revistas americanas que leem. Dentre todos, Obinze é o mais fascinado com a cultura estadunidense, conhecendo maiores detalhes sobre celebridades e lendo livros como *As aventuras de Huckleberry Finn*, considerados muito regionais e difíceis de serem compreendidos. Obinze também idealiza os Estados Unidos como uma espécie de paraíso, algo que se constitui em forte influência sobre sua namorada Ifemelu.

Meu argumento é o de que a imagem, idealizada em excesso, que os nigerianos têm dos Estados Unidos aumenta a expectativa frustrada e a decepção na diáspora, quando a “América real”, conforme expressão da narradora, vai se revelar ao imigrante. Por conseguinte, expectativas transformadas em grandes frustrações parecem ter efeito ainda mais devastador sobre o sujeito diaspórico nigeriano nos EUA, fazendo com que os problemas sejam sentidos de maneira mais profunda. Os primeiros momentos nos EUA, quando Ifemelu se depara com a vida dura de sua tia, já discutidos, ilustram como tais decepções provocam um choque. No apartamento de apenas dois quartos da tia, diferente das lindas e espaçosas casas americanas dos programas de TV, Ifemelu sequer tem uma cama. Dormir no chão do quarto de seu primo na “gloriosa América” é uma de suas primeiras decepções. A rua, mal iluminada e cheia de carros estacionados, também não lhe parece bonita como as que ela via nos filmes.

⁸⁵ “I would give anything to be you right now.”

A ausência de uma cama minimamente confortável se constituirá, de forma metafórica, na impossibilidade do descanso, na ausência de um refúgio de tranquilidade para o sujeito diaspórico na sociedade que o recebe, fazendo dele uma espécie de soldado sempre alerta na expectativa de um ataque iminente. De fato, para dar maior dimensão ao desapontamento de Ifemelu, Adichie articula com criatividade algumas “metáforas da decepção”. O calor do verão americano é opressor para a protagonista porque em sua chegada ele fez parte do descompasso entre a América sonhada e a América de fato encontrada. Por toda a vida, Ifemelu fixou mentalmente o inverno como estação permanente dos Estados Unidos, uma paisagem de neve e de temperaturas baixas tão forte que “não poderia ser rechaçada pela razão” (p. 104),⁸⁶ isto é, pelo fato de desembarcar naquele país em pleno verão. Assim, antes de viajar, ela compra o casaco mais pesado que encontra e, ao sair do aeroporto, o calor sufocante a deixa aterrorizada.

Mesmo com as decepções da fase inicial, no primeiro verão Ifemelu continua à espera de um suposto encontro com a “América real” que acredita estar prestes a acontecer, provavelmente quando suas aulas começarem. É também o momento de experimentação de comidas diferentes, hambúrgueres e *wraps* trazidos por Uju, sabores que Ifemelu gostava num dia e desgostava no outro:

Ela ficava confusa com a falta de gosto das frutas, como se a natureza tivesse esquecido de polvilhar um pouco de tempero sobre as laranjas e as bananas, mas gostava de olhar para elas, e de tocá-las, pois as bananas eram tão grandes, tão uniformemente amarelas, que ela perdoava sua falta de gosto. (ADICHIE, 2013, p. 114, tradução minha).⁸⁷

Aprazíveis somente na aparência exterior, laranjas e bananas se configuram em mais uma metáfora de decepção; na medida em que a narrativa progride, elas

⁸⁶ “...could not be fended off by reason”. (tradução minha)

⁸⁷ “She was disoriented by the blandness of fruits, as though Nature had forgotten to sprinkle some seasoning on the oranges and the bananas, but she liked looking at them, and to touch them; because bananas were so big, evenly yellow, she forgave their tastelessness”.

aludem a um modo de vida americano e também de um certo tipo de pessoas que Ifemelu conhece na sociedade estadunidense, que dão importância à aparência como um aspecto acima de qualquer outro, ainda que falte sabor, isto é, conteúdo ou profundidade. É válido ressaltar que, na passagem citada, o perdão de Ifemelu dado às frutas bonitas, porém insossas, significa que ela também cede ao forte apelo da imagem, da beleza exterior, como se a autora de *Americanah* desejasse afirmar a impossibilidade de resistir à persuasão do modo de vida americano, ou talvez expandir o valor que se dá à aparência para além das fronteiras americanas, como um problema que atinge a maior parte das culturas.

Ainda nesse marcante primeiro verão, as percepções de Ifemelu sobre os EUA começam a ser formadas também pela televisão, na expectativa do encontro com a América real:

...eram os comerciais que a cativavam. Ela almejava a vida que eles mostravam, vidas cheias de felicidade, onde todos os problemas tinham soluções brilhantes em shampoos e carros e alimentos embalados e, em sua mente, eles se tornaram a América real, a América que ela somente iria ver quando fosse para a escola no outono. (ADICHIE, 2013, p. 114, tradução minha).⁸⁸

A grande ironia nesse fragmento é pensar que a publicidade veiculada na televisão se constitui na ideia de uma “realidade” estadunidense, fato que leva à inferência de que a “América real” não existe. Em outras palavras, a “América real” é feita de representações, na maior parte das vezes idealizadas, que um grupo de pessoas elege como realidade. Mas o fascínio desses comerciais sobre Ifemelu nos indica que ela também escolhe acreditar no “belo e superficial” porque é mais

⁸⁸ “...it was the commercials that captivated her. She ached for the lives they showed, lives full of bliss, where all problems had sparkling solutions in shampoos and cars and packaged foods, and in her mind they became the real America, the America she would only see when she moved to school in the autumn.”

fácil do que enfrentar as decepções do cotidiano. Ademais, os comerciais que a fascinam têm óbvia ligação com as ilusões que havia trazido da Nigéria, das quais não consegue se livrar nos primeiros anos. Assim sendo, a forma como Ifemelu se deixa seduzir pelas imagens na TV também são um aviso de que as decepções das primeiras semanas já teriam sido insuficientes para sepultar as ilusões sobre os Estados Unidos, trazidas de casa. De fato, observa-se, de maneira geral, que diásporas elaboram complexas fantasias sobre uma vida melhor na terra estrangeira idealizada, que se justapõem a novos sonhos que se criam na condição diaspórica em si, a partir de novas percepções da terra hospedeira.

2.2.2.3 Ameaçando a tribo: *Ifemelu*, *Curt* e os estadunidenses

A discussão sobre os conflitos entre a diáspora nigeriana e a sociedade estadunidense em *Americanah* é possível de ser feita de maneira produtiva se pensarmos que uma nação é concretamente definida também por meio de seus cidadãos. Por isso os estadunidenses ao redor de Ifemelu carregam grande parte do significado do que vai definir a nação americana para ela. Para orientar essa seção, divido esses personagens em duas categorias, seguindo a organização do próprio romance: os negros e os brancos.

O convívio de Ifemelu com os afro-americanos vem por meio do professor universitário Blaine e o grupo de pessoas que ela conhece nesse contato. O relacionamento com Blaine, como vimos, faz parte do lado positivo da experiência de Ifemelu na diáspora, em função da verdadeira afetividade entre ambos e dos aprendizados que o namoro lhe traz. Porém, tensões e desencontros vêm junto com o relacionamento. O círculo de Blaine – a irmã, os amigos e colegas professores – se constitui de pessoas descoladas, bem-vestidas e idealistas. Entretanto, mesmo bem recebida, Ifemelu se sente “vagamente perdida” na presença deles, reconhecendo que, de fato, não pertence ao grupo, que se comunica com uma linguagem própria, muitas vezes inacessível a ela.

O conflito maior talvez esteja no fato de Ifemelu ser uma negra africana entre os negros americanos, o que faz com que eles todos deduzam que ela já conheça e já

compactue com todas as causas históricas dos afro-americanos no país. Um exemplo disso pode ser visto no protesto organizado por Blaine e outros afro-americanos em desagravo ao segurança da biblioteca da universidade. Ele era um senhor negro, que, após um telefonema de um funcionário branco, foi levado e interrogado de maneira abusiva pela polícia como suspeito de tráfico de drogas. Indignado, Blaine organiza um protesto, para o qual Ifemelu não vai, simplesmente porque não se sente a fim de ir. Blaine toma a ausência de Ifemelu como uma falta muito grave:

— Por que você não quer falar comigo? Perguntou ela. Não entendo por que isso importa tanto.

— Como você pode não entender? É o princípio da coisa, disse ele, naquele momento se tornando um estranho para ela.

— Realmente sinto muito, disse ela.

Ele entrou no banheiro e fechou a porta.

Ela sentiu-se murcha na ira sem palavras de Blaine. Como poderia o “princípio da coisa”, algo abstrato flutuando no ar, cunhar-se tão solidamente entre eles e transformar Blaine em outra pessoa? Ela queria que fosse uma emoção insegura, uma paixão como ciúme ou traição. (ADICHIE, 2013, p. 347, tradução minha).⁸⁹

Blaine supõe que Ifemelu iria entender a gravidade do ocorrido, e que tomaria parte no protesto, tão indignada quanto todos os afro-americanos da universidade. Ela é mal compreendida por Blaine, que fica nove dias sem falar com ela. Ifemelu deseja que sua raiva seja por alguma emoção conhecida como ciúme ou traição,

⁸⁹ “Why won’t you talk to me?” she asked. “I don’t understand why this matters so much.”

“How can you not understand? It’s the principle of it,” he said, and at that moment, he became a stranger to her.

“I’m really sorry,” she said.

He had walked into the bathroom and shut the door.

She felt withered in his wordless rage. How could principle, an abstract thing floating in the air, wedge itself so solidly between them, and turn Blaine into somebody else? She wished it were an uncivil emotion, a passion like jealousy or betrayal.

porque seria mais compreensível para ela: não consegue entender aquilo que Blaine denomina o “princípio da coisa”, que se refere, provavelmente, à ausência de conscientização sobre o racismo histórico na sociedade estadunidense, algo que mesmo os afro-americanos de menor escolaridade desconhecem.

Se a relação de Ifemelu com os afro-americanos é marcada pelo distanciamento, sua convivência com os brancos parece ser ainda pior, apresentando conflitos adicionais. Depois da longa procura por emprego, sobre a qual já discorri, Ifemelu começa a trabalhar como babá na casa de Kimberly e Don, um casal de classe média alta como dois filhos, Morgan e Taylor. Espalhadas pela casa, as fotos da família velejando, caminhando e visitando pontos turísticos no exterior remetem Ifemelu aos comerciais da televisão mostrando “pessoas cujas vidas eram vividas sempre numa luz lisonjeira, cujas bagunças eram até esteticamente agradáveis” (ADICHIE, 2013, p. 151, tradução minha).⁹⁰ Kimberly e Don descrevem com orgulho as obras de caridade das quais participam pelo mundo, uma postura que Ifemelu vê com desconfiança, por se tratar de um misto de superioridade e condescendência. Há momentos em que esse comportamento dos patrões faz com que Ifemelu se sinta constrangida por ter vindo do continente africano, como se ela fosse a razão de uma tristeza que assola Kimberly, em especial quando ela relata sobre as pessoas pobres que conheceu, vivendo praticamente com nada.

No convívio com a família, Ifemelu compreende que as imagens da felicidade perfeita nas fotos das viagens não correspondem ao dia a dia. Kimberly não tem uma carreira, não tem autoridade com a filha e a relação com o marido egocêntrico exige dela o papel da esposa dedicada. Mas Kimberly gosta de Ifemelu e a respeita. Ifemelu sente afeição por ela e, em certas ocasiões, a vontade de

⁹⁰ “...people whose lives were lived always in a flattering light, whose messes were still aesthetically pleasing.”

protegê-la. Entretanto, a contradição maior entre o discurso de felicidade e um cotidiano infeliz se dá na representação da personagem Laura, irmã de Kimberly.

Laura visita Kimberly quase todos os dias. Ifemelu a descreve como um “falcão de bico afiado e mente enegrecida” (ADICHIE, 2013, p. 148, tradução nossa),⁹¹ em contraste ao passarinho frágil que era Kimberly. Laura, que também é mãe e dona de casa, confere a si mesma o papel de fiscal das babás de Kimberly. Além de interferir na rotina da casa da irmã, ela adquire um interesse pela Nigéria que Ifemelu não consegue entender: “Era um interesse agressivo e sem afeição; estranho, de fato, dar tanta atenção a algo de que você não gostava” (ADICHIE, 2013, p. 165, tradução minha).⁹² Assim como Kimberly, Laura também é infeliz, mas sua infelicidade era diferente: se a de Kimberly era esperançosa, a de Laura era pontiaguda: “Ela queria que todo mundo ao seu redor fosse infeliz porque ela havia convencido a si mesma de que sempre o seria” (ADICHIE, 2013, p. 166, tradução minha).⁹³

É nessa forma de ser e de pensar que reside a razão da tensão entre Laura e Ifemelu. Para alguém tão amargurada, é inadmissível que uma imigrante africana trabalhando como babá possa ser mais feliz ou mais bem-sucedida. O interesse de Laura pela Nigéria, por exemplo, é sua necessidade de reafirmar as imagens da miséria africana que povoam a mente de estadunidenses apenas para contrapor a “grandeza da América” com a pobreza do resto do mundo, o que seria o mesmo de estabelecer sua superioridade em relação a Ifemelu. Sem motivos pessoais para ser “melhor que Ifemelu”, resta a Laura se apoiar em uma noção geral de supremacia estadunidense, ilustrada pela revista que ela traz para que Ifemelu veja: na foto, uma atriz americana branca sorri com um bebê negro no colo, rodeada de crianças negras emagrecidas, divulgando uma ação de caridade em

⁹¹ “...hawk, sharpbeaked and dark-minded.”

⁹² “It was an aggressive, unaffectionate interest; strange indeed, to pay so much attention to something you did not like.”

⁹³ “She wished that everyone around her were unhappy because she had convinced herself she would always be.”

um país africano: “Não é a Nigéria, mas é parecido. Eu sei que as celebridades podem ser volúveis, mas ela parece estar fazendo um bom trabalho” (ADICHIE, 2013, p. 164, tradução minha),⁹⁴ diz Laura.

Sendo todos os dias alfinetada por Laura, Ifemelu finalmente perde a paciência com o caso do médico nigeriano que Laura conhece na clínica médica. Para a irmã de Kimberly, o médico e Ifemelu são semelhantes, parte de um grupo de imigrantes nigerianos privilegiados e qualificados, conforme ela havia lido em um artigo na internet. Mas o que Laura havia gostado no médico era sua subserviência, o fato de ele ter dado atenção exagerada às mulheres que esperavam atendimento, sendo sorridente e articulado, como alguém desesperado para ser aceito socialmente. Laura, então, afirma que os negros africanos, em geral, são maravilhosos, não tendo todos aquelas “questões” dos afro-americanos. Incomodada com a superficialidade do comentário e sentindo-se incluída nele, Ifemelu chama a comparação de simplista, dizendo que Laura precisa entender um pouco mais de história: “Bem, vou pegar minha filha e então vou achar alguns livros de história na biblioteca, isso se eu puder reconhecê-los” (ADICHIE, 2013, p. 170, tradução minha),⁹⁵ responde Laura, ofendida. Ifemelu pede desculpas não por Laura, mas por causa de Kimberly, que se chateia com o desentendimento. Nesse acontecimento, o que inferioriza Laura é saber que Ifemelu é estudante universitária, tem conhecimento e um pensamento mais crítico que o dela, que é uma dona de casa.

A impossibilidade de pertencimento ao grupo dos afro-americanos e os embates constantes com os brancos, representados sobretudo por Laura, exemplificam o dia a dia da tensa relação entre o sujeito diaspórico e a terra que o recebe. Todavia, no

⁹⁴ “It’s not Nigeria, but it’s close. I know celebrities can be flighty but she seems to be doing good work.”

⁹⁵ “Well, I’ll get my daughter and then go find some history books from the library, if I can figure out what they look like.”

exemplo de Ifemelu, há um fator que agrava ainda mais essa conjuntura, um fator que parece ofender a brancos e desagradar a negros ao mesmo tempo: o namoro interracial: “Quando você é negro na América e se apaixona por uma pessoa branca, raça não importa quando vocês estão juntos sozinhos porque é somente você e seu amor. Mas no momento em que você pisa lá fora, raça importa” (ADICHIE, 2013, p. 292-293, tradução minha),⁹⁶ diz Ifemelu, em uma festa na qual as pessoas estão convencidas de que não há mais racismo no país, tendo em vista o crescente número de casais interraciais.

Como já abordei, o namoro de Ifemelu com Curt trouxe benefícios emocionais e sociais para ela, como a melhora de sua autoestima e a indicação para um bom emprego, mas as boas conquistas não vieram desacompanhadas de desafios, especialmente o da reação das pessoas em face ao relacionamento de uma negra com um branco.

Já no primeiro dia de namoro, a menina Morgan classifica o relacionamento como “nojento”, enciumada de ver sua babá com o tio que ela mais gosta. Mas Morgan não é o principal exemplo de rejeição; a menina aos poucos muda de ideia, passando a aceitar o namoro. De fato, atitudes de rejeição mais agressivas partem dos adultos: a recepcionista de um restaurante que oferece mesa para apenas uma pessoa, enxergando apenas Curt e ignorando Ifemelu; a gerente de uma pousada que faz o *check-in* somente de Curt, menosprezando a presença de Ifemelu a seu lado; as muitas mulheres brancas nas ruas que, ao verem Curt e Ifemelu de mãos dadas, fecham a cara e lançam um olhar que Ifemelu conhece bem, um olhar que “espeta” sua pele. Era o mesmo olhar das garotas brancas na festa de casamento da prima de Curt, inconformadas de vê-lo com uma namorada negra. Refletindo sobre essa vigilância constante, Ifemelu considera que:

⁹⁶ “When you are black in America and you fall in love with a white person, race doesn’t matter when you’re alone together because it’s just you and your love. But the minute you step outside, race matters.”

Não era apenas porque Curt era branco, era o tipo de branco que ele era, o cabelo dourado indomado e o rosto bonito, o corpo de atleta, o encanto de sol e o odor, em torno dele, de dinheiro. Se ele fosse gordo, mais velho, pobre, simples, excêntrico, ou com *dreadlocks* no cabelo, então seria menos notável, e os guardiões da tribo seriam apaziguados. E não ajudava o fato de que, embora ela pudesse ser uma linda garota negra, ela não era o tipo de negra que eles poderiam, com esforço, imaginar ao lado dele; ela não tinha a pele clara, não era birracial. (ADICHIE, 2013, p. 294-5, tradução minha).⁹⁷

Ao situar Curt na categoria de brancos privilegiados e estabelecer o contraste entre ela e ele, que reforça a indignação de algumas pessoas brancas, Ifemelu conclui que o relacionamento de ambos incomoda os “guardiões da tribo” porque representa para eles uma “grande perda tribal” (ADICHIE, 2013, p. 294). A perspectiva de ver os Estados Unidos como uma sociedade tribal é um dos aspectos inovadores em *Americanah*, ainda que não tenha sido detalhado. Uma tribo é comumente entendida como um conjunto de pessoas, com laços familiares reais ou imaginados, e, portanto, reunidos pela ideia de uma descendência comum, que partilham os mesmos padrões culturais e tradições. Entretanto, é comum, no discurso eurocêntrico, vermos a aplicação do termo tribo de forma a designar o “outro” com argumentos pejorativos, para se referir a grupos no mínimo menos civilizados, inferiores ou primitivos. Em *Americanah*, Adichie reverte a norma e elabora sua crítica à sociedade estadunidense por meio desse termo.

O *blog* de Ifemelu é o espaço estratégico para a exposição do que seria o tribalismo americano, que é baseado, segundo ela, em quatro aspectos: classe, ideologia,

⁹⁷ “It was not merely because Curt was white, it was the kind of white he was, the untamed golden hair and handsome face, the athlete’s body, the sunny charm and the smell, around him, of money. If he were fat, older, poor, plain, eccentric, or dreadlocked, then it would be less remarkable, and the guardians of the tribe would be mollified. And it did not help that although she might be a pretty black girl, she was not the kind of black that they could, with an effort, imagine him with; she was not light-skinned, she was not biracial.”

região e raça. Ser rico ou pobre, ser liberal ou conservador, ser do norte ou do sul são dicotomias que Ifemelu observa nos EUA, mas que comenta de modo breve. É o aspecto raça que a interessa mais. Ifemelu destaca a escala hierárquica em que o branco anglo-saxão e protestante, chamado de WASP, está sempre no alto, ao passo que os negros estão sempre no último nível. O tribalismo americano está “vivo e bem de saúde”, segundo a blogueira, sendo complexo de ser entendido pelos estrangeiros. No caso dos judeus, por exemplo, Ifemelu não consegue compreender por que são brancos que estão um pouco “abaixo dos brancos” na escala da superioridade das raças.

Ao afrontar o tribalismo racial estadunidense, Ifemelu e Curt parecem perder a tranquilidade. Ele segura a mão dela o tempo todo, beija-a várias vezes, como se desejasse provar às pessoas à sua volta a legitimidade da relação. Ela acaba exaurida pela necessidade de atenção exacerbada e de proteção por parte do namorado, que ocorrem em paralelo aos olhares de reprovação e pequenas atitudes de menosprezo por parte dos que não aceitam o relacionamento. No outro extremo, há os americanos brancos, como Claire, a tia de Curt, que desejam assegurar exageradamente o quanto não são racistas, contando suas viagens à África e sobre os amigos negros que possuem. Tal atitude também acaba se configurando em estresse para Ifemelu, que deseja apenas ser tratada de maneira normal.

Ainda sobre o tribalismo estadunidense, não se pode deixar de contrapor o conceito de tribo que se apresenta tanto na ficção de Adichie quanto na teorização de Cohen. Em *Americanah*, o termo tribo é aplicado à sociedade estadunidense que recebe a diáspora. No artigo de Cohen, tribo é se refere à terra de origem, que o sujeito diaspórico deixa para trás. Esta terra, mencionei antes, é a antiga Judeia, por Cohen chamada de “estreita sociedade tribal”, o que dá a entender que diásporas saem de sociedades menos desenvolvidas para a realização de conquistas intelectuais e espirituais, como no caso judeu, em territórios mais desenvolvidos. A análise de *Americanah*, entretanto, questiona essa lógica, já que terras anfitriãs, como os Estados Unidos, também podem ter seus “tribalismos estreitos”, ainda que

elas sejam consideradas avançadas. Em outras palavras, a mentalidade civilizada e cosmopolita nem sempre predomina no interior da sociedade “adiantada” que recebe as diásporas. Por outro lado, a Nigéria, ainda que apresente seus graves problemas, não pode ser superficialmente homogeneizada como uma terra “tribal e estreita” somente porque nigerianos deixam seu país, pois tal perspectiva incorreria no mínimo em uma avaliação distorcida acerca de um país diverso e de cultura rica.

3. Desfazendo dualidades

Neste capítulo, selecionei, para a análise de *Americanah*, conforme vimos, dois aspectos teóricos da diáspora: a possibilidade de uma vida criativa na diáspora e a relação problemática com a terra anfitriã. Essa escolha se deu a princípio pelo fato de configurarem uma aparente contradição, interessante de ser examinada, e também pela inspiração vinda de Cohen que, ao pensar a diáspora judaica, propõe o seguinte método: “A tapeçaria das experiências diaspóricas judaicas torna-se mais matizada, porém mais exata, quando aceitamos um modelo dual, com a urdidura da diáspora judaica sendo de criatividade e de realização e sua trama sendo de ansiedade e de desconfiança” (COHEN, 1997, p. 35, tradução minha).⁹⁸

A princípio, o método de Cohen, metaforicamente expresso, mostrou-se atraente para pensar a diáspora nigeriana em *Americanah*, tendo em vista as duas características que elegi para me aprofundar. Entretanto, a imagem resultante do modelo dual de Cohen – feito de uma urdidura vertical transpassada pela trama, isto é, os fios no sentido horizontal – me estimula, após a análise feita, a repensar um modelo metodológico que não aluda a uma organização binária e tão simétrica como a que foi proposta por Cohen, buscando “fabricar um tecido” menos dualista. Meu argumento é que encontramos, na análise da diáspora nigeriana em *Americanah*, que foi feita

⁹⁸ “The tapestry of Jewish diasporic experiences becomes more nuanced, but more accurate, when we accept a dual model, with the warp of the Jewish diaspora being one of creativity and achievement and its weave being one of anxiety and distrust.”

por meio dos conceitos teóricos disponíveis, uma tessitura mais complexa e menos simétrica, com fios entrelaçados de maneira irregular, formando uma estrutura dificilmente previsível, dada às suas particularidades. Nesse tecido, os fios da criatividade e da realização nem sempre são verticais, isto é, não se restringem a uma lógica organizada. O mesmo vale para a trama ou fios horizontais, a representar a tensão e a desconfiança da diáspora na terra natal. Ademais, herdamos dos pós-estruturalistas a noção de que qualquer binarismo é um risco. Dessa forma, gostaria de fazer, neste final de análise, duas reflexões que buscam desfazer o caráter fixo de alguns pressupostos duais aqui comentados, apontando contradições em algumas certezas teóricas e problematizando a própria representação literária.

A primeira dessas duas reflexões diz respeito às relações no interior da diáspora, ou da diáspora consigo mesma. A tensão, a ansiedade e a desconfiança vivenciadas pelos sujeitos diaspóricos não podem ser isoladas de maneira dualista, somente na relação com a terra anfitriã, simplesmente porque são perpassadas por outras tensões, com a terra natal e com as tensões dos sujeitos diaspóricos entre si. Observa-se, pelos exemplos de *Americanah*, o quanto essas relações podem ser problemáticas. É marcante, por exemplo, os absurdos de Bartholomew no relacionamento com Uju, conforme demonstrei, assim como a injusta negociação entre Obinze e outros africanos em Londres. Outro exemplo está na diferença de mentalidade entre as mulheres africanas do salão e Ifemelu, que parece colocá-las em posições distintas.

Nesse levantamento de conflitos no interior da diáspora, um dos mais significativos casos encontrados em *Americanah* é a relação entre Uju e seu filho Dike. Em casa, Uju é a mãe ausente, que trabalha várias horas por dia, sem tempo para ver e compreender os problemas identitários e sociais pelos quais o filho passa. Nos poucos momentos em que interagem, as atitudes de Uju parecem voltadas para privar Dike de qualquer iniciativa de construção de individualidade. Uju o força a comer o cereal que ele não gosta, o obriga a usar camisas que ele considera feias e até mesmo chega a afirmar que ele não é negro. Ao ser informada de que o garoto estaria em depressão, Uju ignora o fato, afirmando que depressão é “coisa desses americanos”.

A dificuldade de Dike com a mãe é justaposta às outras que ele vive fora do enclave diaspórico, no contato como a sociedade estadunidense. Na escola, o garoto vive experiências de discriminação racial, ainda que velada, exemplificadas pelo caso do filtro solar distribuído para todos os alunos, menos para ele, sob a alegação de que ele não precisava. Somadas, a sensação de ser incompreendido, a falta de pertencimento e a impossibilidade de autoexpressão levam o garoto a tentar suicídio.

A tentativa de suicídio também se constitui em uma tensão interna à diáspora, afetando Ifemelu, que é muito próxima ao primo Dike. Na narrativa, o acontecimento é descrito de maneira breve, mas, estruturalmente falando, a dor e a reação de Ifemelu, assim como suas reflexões sobre o fato, ocupam um espaço especial no romance, na medida em que sozinhos constituem a parte VI do livro. Por meio dessa estratégia estrutural, Adichie enfatiza como a tentativa de suicídio de Dike representa um marco na vida da protagonista, fazendo como que sua descrição seja também a transição entre as primeiras partes, que focalizam em especial as experiências de Ifemelu nos EUA, e a parte VII, última do romance, em que Ifemelu está de volta à Nigéria. Nos primeiros dias, Ifemelu se agarra a Dike, instalada em seu quarto, aterrorizada pela possibilidade de que o garoto venha a repetir a tentativa de suicídio. Na cozinha, bem tarde da noite, ela argumenta com Uju, que se recusa a ver os verdadeiros motivos que levaram Dike à depressão, agora se fiando no princípio de que depressão é uma “doença clínica”. Mas Ifemelu também se sente culpada pelo que aconteceu, sente-se incapaz de ter percebido que as piadas e as gargalhadas de Dike eram uma forma de mascarar seus verdadeiros sentimentos.

Vale retomar aqui a noção já mencionada de racismo colonial, descrita por Frantz Fanon, que descreve os gravíssimos efeitos psicopatológicos da assimilação cultural no processo de colonização. Se, conforme Fanon, a sanidade mental é impossível no colonialismo, na pós-colonialidade sua busca se torna prioritária, ainda que continue sendo dificultada pelos obstáculos plantados pelo colonizador. Ao refletir sobre o racismo sofrido por Dike que, em parte, justifica a falta de sentido para a vida e a conseqüente tentativa de suicídio, Ifemelu também reflete

sobre si mesma e, após o primo melhorar, ela decide colocar em prática seu retorno para a Nigéria, para assegurar sua própria sanidade mental e os critérios de sua própria identidade.

A segunda reflexão que faço vem romper com outra dualidade que, de maneira implícita, dá a entender que o sujeito diaspórico jovem se adapta na diáspora e o mais velho não. O caso de Dike ajuda a problematizar essa premissa encontrada na própria narrativa. Como abordei, a narradora de *Americanah* atribui à “flexibilidade da juventude” o fato de Ginika estar mais adaptada aos EUA que Uju. Essa comparação, baseada no fato de que Ginika imigra mais jovem, ao passo que Uju já é adulta, pode levar a uma conclusão simplista de que de que imigrantes jovens se integram mais facilmente que os mais adultos. Entretanto, a própria narrativa ajuda a desfazer essa impressão. O leitor é informado, de maneira discreta, que a mãe de Ginika é estadunidense, algo que Ifemelu não leva em conta em sua avaliação. O fato de ser “metade americana” pode significar todo um conjunto de vantagens que facilitaria a adaptação de Ginika ao imigrar para os EUA, ajudando a explicar, por exemplo, como ela se sente à vontade em meio às novas amizades feitas nos Estados Unidos. Também é fundamental ponderar que parte da inadaptação de Uju se deve ao contraste entre a “vida de madame” que ela vivia na Nigéria, sustentada pelo amante general, e a nova vida de trabalhadora em terras estadunidenses. Nesse caso, pode-se inferir que a insatisfação de Uju também é oriunda da perda de um de estilo de vida abastado e da mudança radical de classe social, uma avaliação que, naquele momento, escapa aos olhos de Ifemelu.

A inadequação de Dike que, como vimos, vai ainda bebê para os EUA, também parece desmentir o pressuposto de que imigrantes jovens se integram mais facilmente que adultos pois, apesar de imigrar cedo, ele não se beneficia da “flexibilidade e fluidez da juventude”. Outros exemplos também problematizam essa noção: Bartholomew, que, dentre todos, está há mais tempo na diáspora, tendo imigrado ainda jovem, retém um comportamento sexista trazido da Nigéria, dando mostras de que não é tão integrado aos EUA quanto diz. Ifemelu e Obinze, apesar de serem

da mesma geração de Ginika, têm experiências de integração e de pertencimento distintas quando imigram. Dessa forma, as personagens analisadas nos levam a concluir que questões diaspóricas de integração, pertencimento e identidade não são necessariamente vinculadas à geração do imigrante e nem à sua idade, mas a fatores muito específicos à cada situação.

Talvez aqui se possa fazer uma crítica à teoria da diáspora: em muitos casos, ela enseja um pensamento excessivamente centrado na coletividade, na tentativa de definir e explicar grupos e comunidades, o que leva a reflexão ao risco de perder de vista particularidades, individualidades e diferenças internas aos grupos, que são compostos de sujeitos heterogêneos. E talvez se possa também associar a diversidade de personagens diaspóricas da literatura movente de Adichie a um projeto mais antigo dela, sobre o qual falou em sua conferência “O perigo de uma história única”, em 2009. Se nunca há histórias únicas sobre nenhum lugar, como afirma a autora ao final da conferência, o mesmo poderia se aplicar à diversidade humana, isto é, não haveria uma única história de sujeitos na diáspora: é o que podemos ver na variedade de experiências vividas pelas personagens de *Americanah*.